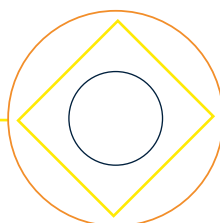
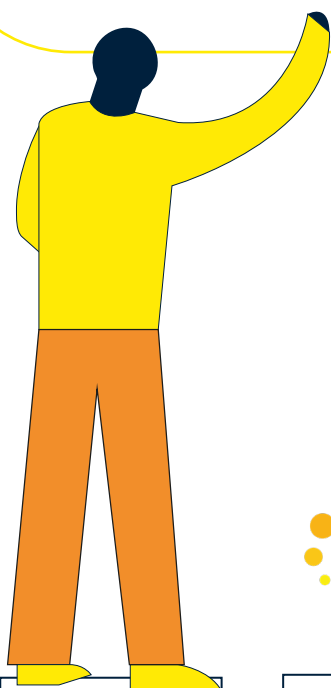


**CAMINHOS PARA UMA EXTENSÃO
COM INTENCIONALIDADE DE IMPACTO:**

Desafios e Perspectivas nas Universidades Brasileiras

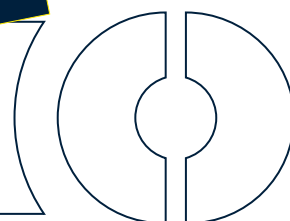
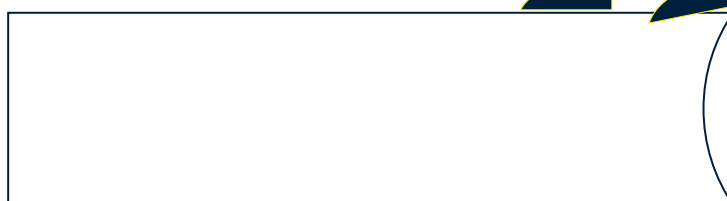
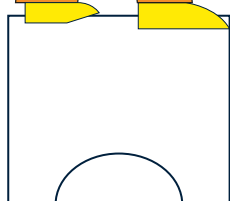
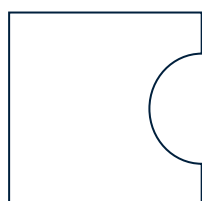
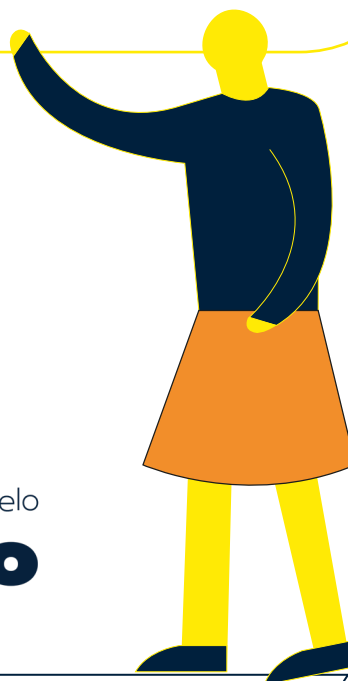


APOIO



REALIZAÇÃO

coalizão pelo
impacto



Autores

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

PUC Minas

Tatiana Maíra Thomaz Araújo

CESUPA

Verônica Macário de Oliveira

UFCG

Camila Aloí

Gerente do Programa Academia ICE

Apoio Técnico



Diagramação e projeto gráfico

Danilo de Paulo

mercurio.studio

Ilustrações

Letícia Vieira

vieiraconlima.com.br

Nossos agradecimentos a todos os professores que contribuíram com os casos de extensão.

Financiamento

Essa publicação foi produzida com recursos advindos da Coalizão pelo Impacto e de seus parceiros

Correalização



Parceria Estratégia



Caminhos para uma Extensão com Intencionalidade de Impacto: Desafios e Perspectivas nas Universidades Brasileiras

Prefácio	4
Apresentação	7
Capítulo 1	
Definições da Curricularização da Extensão Universitária	10
1.1 Trajetória da Extensão Universitária no Brasil	11
1.2 Conceito e Papel da extensão universitária	16
1.3 Centralidade dos Territórios e a Adaptação Contínua das Práticas Extensionistas	19
1.4 Estratégias para Fortalecer a Extensão Universitária	21
1.5 Curricularização da extensão universitária	25
Capítulo 2	
Princípios e critérios para a Curricularização da Extensão com Intencionalidade de Impacto	30
2.1 Intencionalidade de Impacto Socioambiental	31
2.2 Empreendedorismo Social como Estratégia	34
2.3 Colaboração Interdisciplinar	35
2.4 Complementariedade dos Eixos Extensionistas	37
2.4.1 Dimensões Transversais	38
2.4.2 Critério de Complementariedade: Articular Ambos os Eixos para Ampliar Impacto	39
2.5 Resultados Esperados	40

Capítulo 3

Boas práticas de implementação	41
3.1 Articulação com a Comunidade	42
3.2 Mentoria e Orientação	43
3.3 Avaliação e Monitoramento	45
3.4 Mentoria e Acompanhamento Formativo	48
3.5 Avaliação e Acompanhamento de Impacto	51
3.6 Ética, Responsabilidade Territorial e Não Extrativismo	55
3.7 ODS Prioritários para as Boas Práticas de Extensão	57

Capítulo 4

Considerações Finais - Um Convite à Transformação Coletiva	60
---	-----------

Capítulo 5

Exemplos Regionais de Sucesso e Lições Aprendidas	64
Glossário da Extensão Universitária para o Impacto	78

PREFÁCIO

Caminhos para uma Extensão Universitária com Impacto

A transformação da sociedade rumo a uma economia que considere o impacto socioambiental em seus processos de decisão nunca foi tão urgente. Nesse contexto, a função social da universidade torna-se essencial para países que buscam um futuro mais equitativo e sustentável.

Em um mundo marcado por desigualdades, crises climáticas, retrocessos democráticos e desafios que atravessam fronteiras, as universidades podem atuar como protagonistas na formação teórica e prática de indivíduos com uma lente de impacto socioambiental positivo.

É nesse cenário que a Extensão Universitária emerge como ponte viva de mão dupla entre conhecimento, território, impacto e tecnologia.

Este conteúdo nasce do desejo de mostrar como a Extensão comunitária e tecnológica pode ser um motor de formação e fomento ao empreendedorismo de impacto, oferecendo soluções aos desafios reais da sociedade não como um conjunto de obrigações, mas como espaço vibrante onde diferentes saberes se encontram — entre estudantes, professores, comunidades, organizações, empresas, coletivos e governos.

Com essa inquietação, a Rede Academia ICE convidou três professores da Rede — Armino dos Santos de Sousa Teodósio (Téo), PUC Minas; Tatiana Maíra Thomaz Araújo, CESUPA; e Verônica Macário de Oliveira, UFCG —, com apoio da Fundação José Luiz Egydio Setúbal, para transformar em palavra escrita aquilo que tantas universidades já vêm construindo em prática: uma Extensão que dialoga, transforma e se deixa transformar. Dessa aproximação nasceu um trabalho em duas partes que se articulam mutuamente: primeiro, uma trilha conceitual e metodológica que provoca, orienta e convida a repensar o papel da Extensão nas IES; depois, uma tessitura de experiências reais que revelam, na prática, como a universidade ganha vida quando se encontra com o território. São iniciativas que integram o Programa Coalizão pelo Impacto, reunindo Instituições de Ensino Superior das cinco regiões do País — cada uma trazendo suas paisagens sociais, seus desafios e suas potências:

- **Norte** — UFPA e CESUPA
- **Nordeste** — UFC
- **Centro-Oeste** — CEUB
- **Sudeste** — PUC CAMPINAS e UNICAMP
- **Sul** — IFPR, PUCRS e UNISINOS

Não oferecemos manuais prontos ou fórmulas universais, mas caminhos, ideias e provocações inspiradas em experiências concretas, pesquisas e práticas que têm redesenhado o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. Se você está começando sua jornada na Extensão, este material serve como guia acolhedor. Se já atua na área, abre novas janelas para reflexão e reinvenção.

Acreditamos na Extensão como ponte entre os temas urgentes da sociedade civil e a atuação potente da universidade no território.

Nosso convite é imaginar — e construir — uma Extensão Universitária mais integrada, ousada e humana, capaz de:

- articular ensino, pesquisa e internacionalização;
- dialogar e cocriar com quem está além dos muros acadêmicos;
- formar cidadãos críticos e comprometidos;
- impulsionar iniciativas que articulam ciência, inovação, tecnologia, propósito e sustentabilidade, como os Negócios de Impacto.

Vamos juntos?

Boa leitura!

Camila Aloí

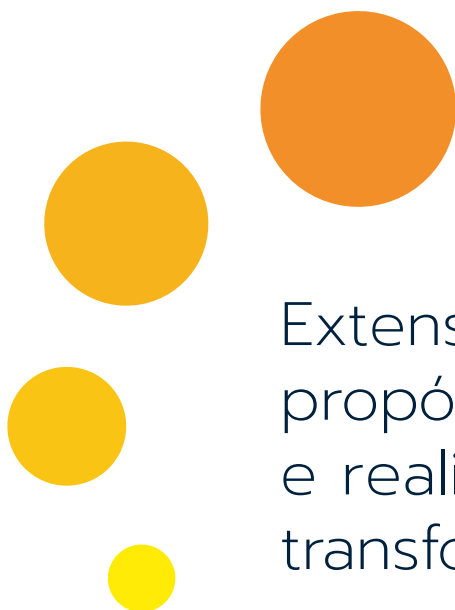
Gerente da Rede Academia ICE

Apresentação

Este guia tem como propósito orientar as Instituições de Ensino Superior (IES) na construção de práticas extensionistas inovadoras, participativas e transformadoras, capazes de ampliar o impacto social, ambiental e econômico de suas ações.

O material propõe caminhos para fortalecer a Extensão Universitária, como:

- estratégia de desenvolvimento territorial;
- instrumento de articulação entre ensino, pesquisa, empreendedorismo e inovação social;
- prática alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e aos grandes desafios contemporâneos.



Extensão é ponte, processo e propósito. É onde conhecimento e realidade se fundem, transformando-se em impacto.

Mais do que oferecer modelos prontos, convidamos à reflexão crítica e à experimentação contextualizada. Este não é um manual de regras, mas um recurso orientador destinado a apoiar gestores do ensino superior, professores, técnicos e estudantes — e seus parceiros da sociedade civil, empresas, governos e movimentos sociais — na construção de ações integradas nos eixos de ensino, pesquisa, Extensão e internacionalização.

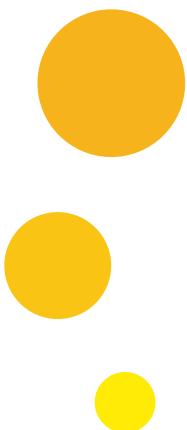
O guia foi elaborado tanto para quem inicia sua trajetória na Extensão Universitária quanto para quem já atua de forma consolidada. Ao integrar teoria, metodologias e experiências práticas, busca fortalecer o papel das universidades como agentes de impacto socioambiental, articulando comunidades, empresas, governos e redes de inovação em torno do objetivo comum de formar cidadãos proativos e construir soluções que gerem valor social, ambiental e econômico.



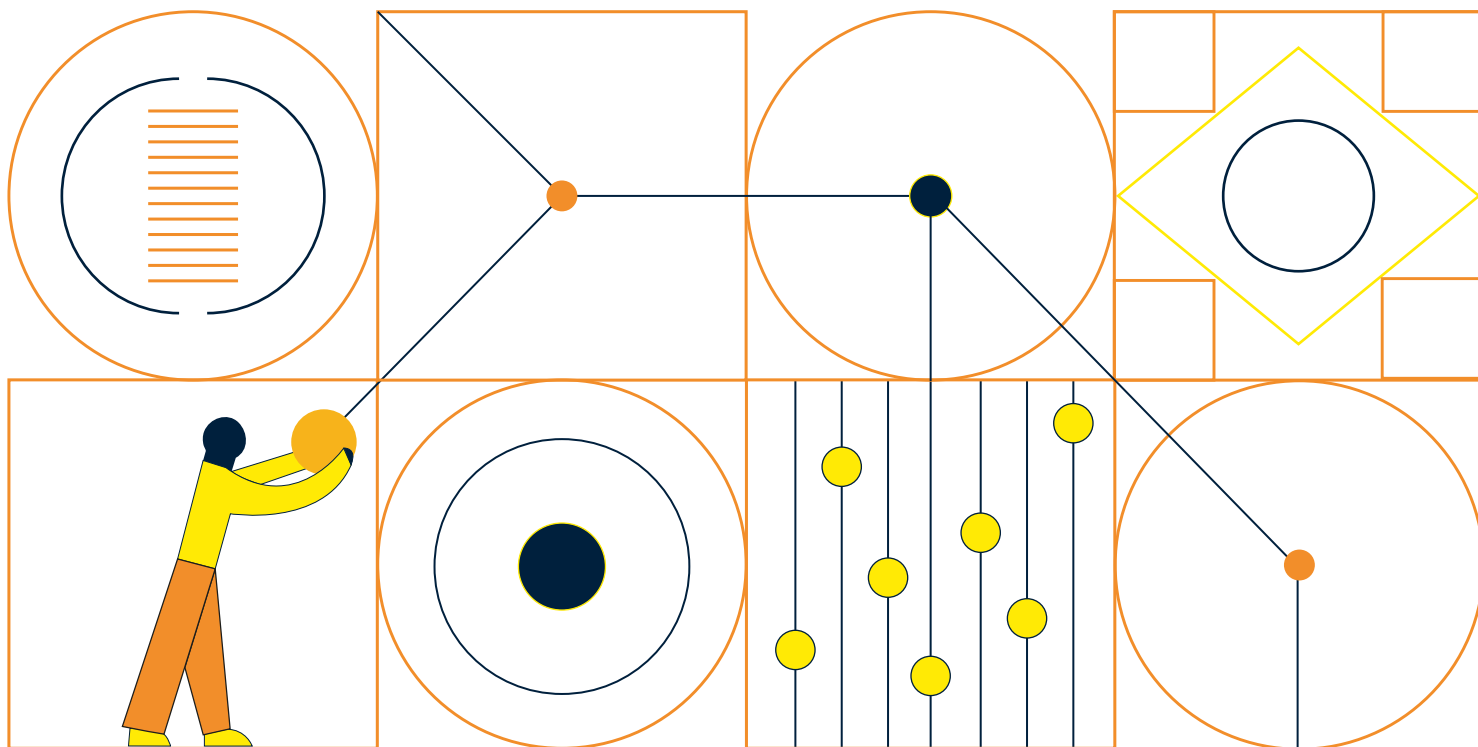
Práticas extensionistas ganham sentido quando se enraízam nos territórios e se fazem em diálogo com quem vive os desafios e as soluções.

Objetivos desta publicação:

- Ampliar a compreensão da Extensão Universitária como dimensão estratégica das IES, fortalecendo seu papel na geração de impacto social, ambiental e econômico, em alinhamento aos ODS e aos grandes desafios contemporâneos.
- Apresentar desafios e possibilidades de articulação entre Extensão, Ensino, Pesquisa e Internacionalização, sobretudo no contexto da curricularização, consolidando o princípio da indissociabilidade e promovendo inovação acadêmica com relevância social e territorial.
- Aprofundar o debate e fomentar práticas sobre Negócios de Impacto e Empreendedorismo Social nas universidades brasileiras, integrando essas temáticas às dimensões de Ensino, Pesquisa, Extensão e Internacionalização, promovendo redes de colaboração entre universidades, comunidades, organizações da sociedade civil, empresas de impacto, governos locais e movimentos sociais.

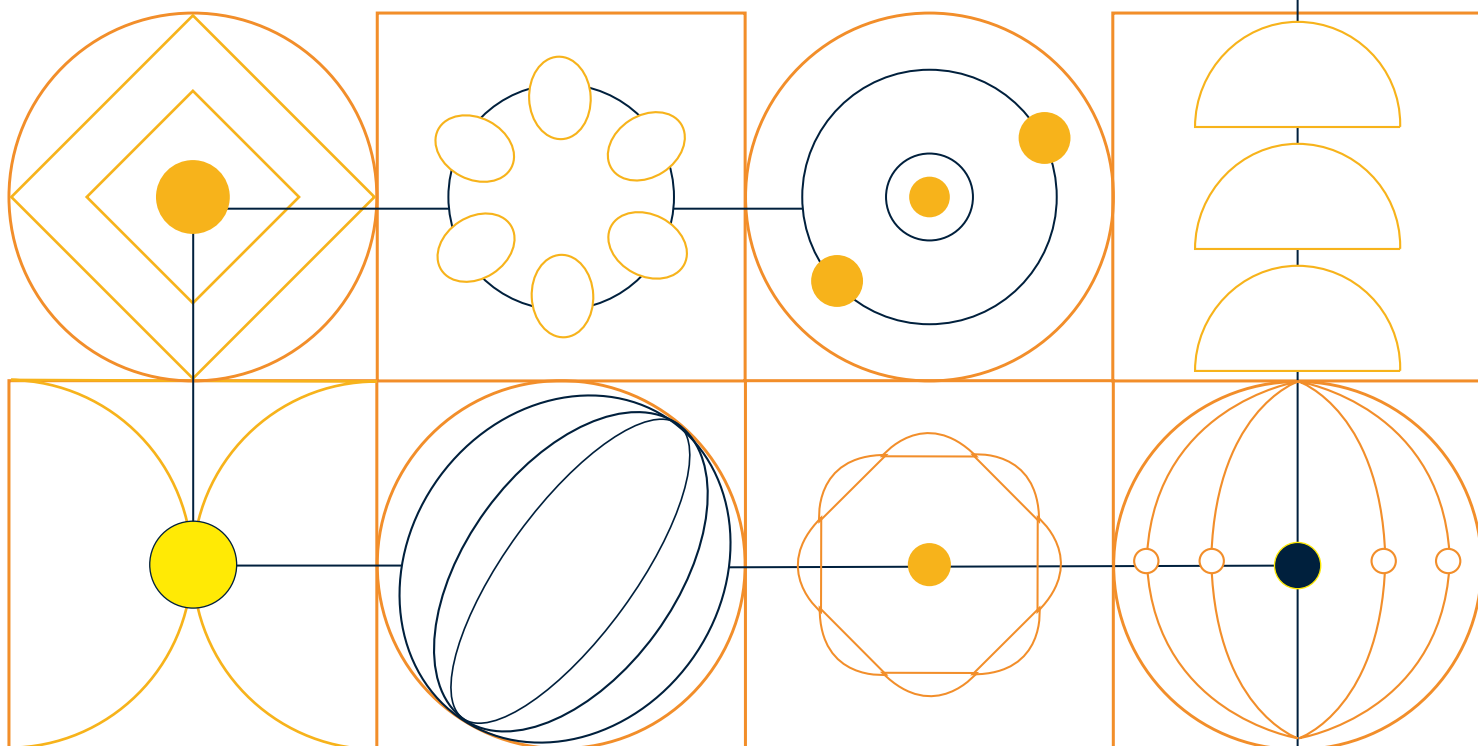


Que esta publicação inspire novas práticas, fortaleça redes de colaboração e forme cidadãos capazes de unir conhecimento, propósito e impacto.



CAPÍTULO 1

Definições da Curricularização da Extensão Universitária



CAPÍTULO 1

Definições da Curricularização da Extensão Universitária

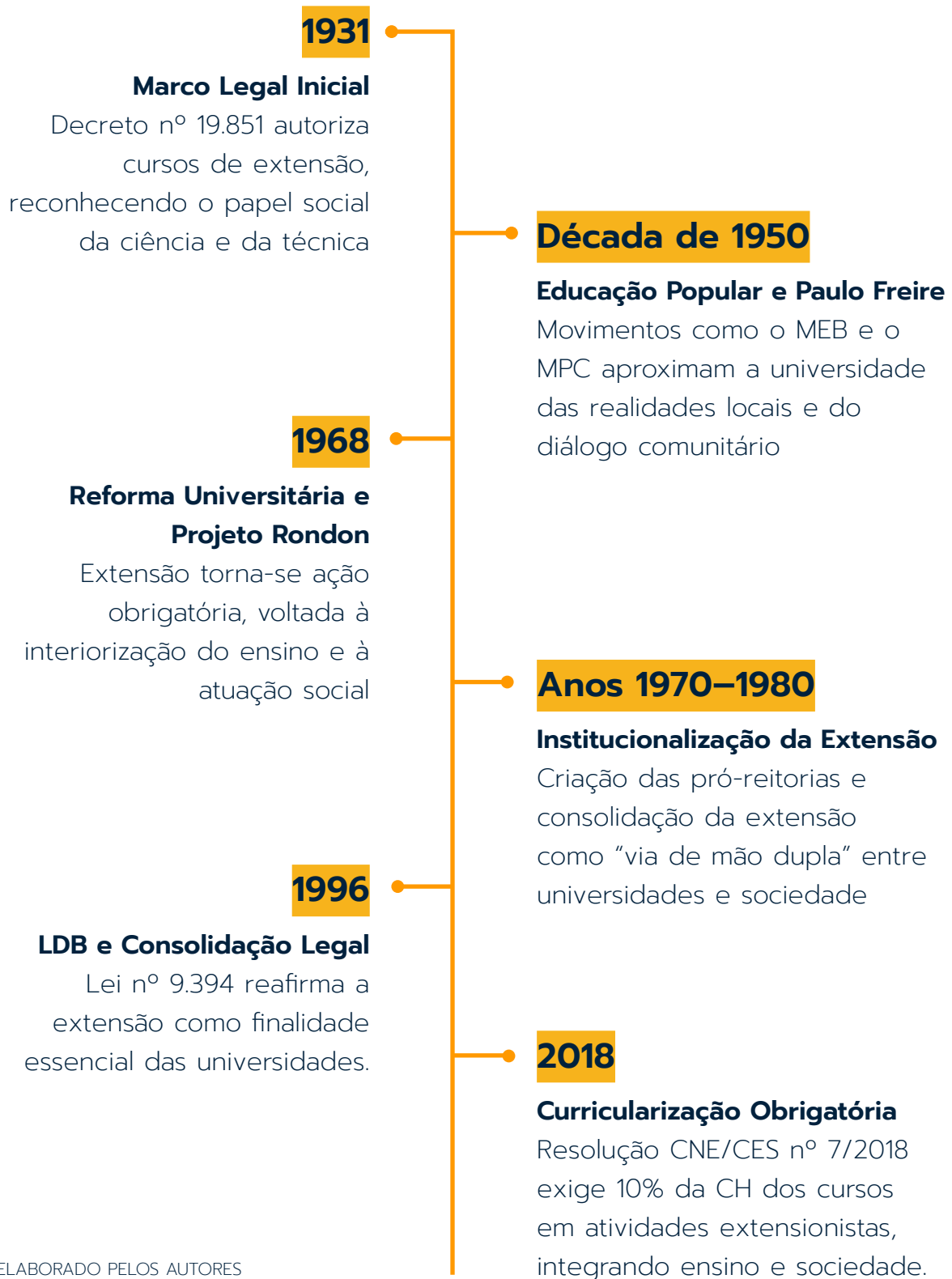
1.1 Trajetória da Extensão Universitária no Brasil

As Instituições de Ensino Superior desempenham papel essencial no desenvolvimento local, regional e nacional, formando profissionais e cidadãos capazes de transformar a realidade em que vivem. A Extensão sempre foi espaço de interação entre universidade e sociedade, mas por muitos anos ocupou posição secundária em relação ao ensino e à pesquisa.

Esse cenário começou a mudar à medida que movimentos sociais, educacionais e políticos passaram a reivindicar uma universidade mais aberta e comprometida com as demandas da sociedade e com a construção de políticas públicas. Esse processo de valorização culminou na curricularização obrigatória da Extensão em 2018, estabelecendo que ao menos 10% da carga horária dos cursos de graduação seja dedicada a atividades extensionistas. A partir desse marco, a Extensão passa a ocupar patamar estratégico na missão universitária, tornando-se indissociável do Ensino e da Pesquisa.

Linha do tempo da extensão universitária no Brasil

Principais marcos da institucionalização e da curricularização da extensão



A trajetória da Extensão no Brasil reflete o amadurecimento da relação universidade–sociedade. Desde os primeiros cursos de Extensão criados em 1931, a prática evoluiu de ações pontuais e assistencialistas para dimensão estruturante da missão acadêmica. A partir dos movimentos de Educação Popular dos anos 1950, inspirados em Paulo Freire, a Extensão passou a incorporar princípios de diálogo, participação e transformação social. A Reforma Universitária de 1968 e o Projeto Rondon contribuíram com a Extensão como política institucional e fortaleceram a interiorização do ensino superior e a atuação em áreas prioritárias como saúde, educação e meio ambiente.

Nos anos 1970 e 1980, a criação de Pró-Reitorias de Extensão e o I Encontro Nacional de Pró-Reitores reforçaram seu caráter de “via de mão dupla” entre universidade e sociedade.

Com a Constituição de 1988, o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão foi incorporado ao ordenamento jurídico nacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) consolidou a Extensão como finalidade da universidade pública.

O marco mais recente é a Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabelece a obrigatoriedade de, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos de graduação em atividades extensionistas, consolidando a Curricularização da Extensão. Esse avanço garante que a formação acadêmica esteja articulada ao compromisso social e à aplicação prática do conhecimento.

A Extensão deixa, assim, de ser prática complementar para se tornar **Estratégia Estruturante de Impacto Socioambiental das IES**, integrando Ensino, Pesquisa e Internacionalização e reforçando a missão da universidade na promoção dos ODS e no enfrentamento dos grandes desafios globais.

Marcos Históricos da Extensão no Brasil: Reforma Universitária de 1968 e Projeto Rondon

Reforma Universitária de 1968 – O que foi?

A Reforma Universitária de 1968 reorganizou profundamente o ensino superior brasileiro. Entre suas mudanças mais importantes, estabeleceu:

- a criação de departamentos e currículos mais flexíveis;
- a estruturação da pesquisa como função institucional das universidades;
- a valorização de projetos voltados ao desenvolvimento nacional;
- o incentivo à presença da universidade em regiões além dos grandes centros.

Para a Extensão, esse marco foi decisivo porque consolidou a ideia de que a universidade deve atuar também fora de seus muros, contribuindo para o desenvolvimento social do País.

Projeto Rondon – O que foi?

Criado em 1967, o Projeto Rondon mobilizou milhares de estudantes e professores em ações de educação, saúde, infraestrutura, cidadania e desenvolvimento comunitário, especialmente em regiões rurais e na Amazônia.

Seu propósito central era:

- aproximar a universidade das realidades brasileiras;
- oferecer apoio técnico, educacional e social a municípios com baixa presença do Estado;
- promover formação cidadã e compromisso público entre jovens universitários.

O Rondon se tornou símbolo da Extensão como ação territorial, colaborativa e transformadora, inspirando políticas de interiorização e projetos comunitários até hoje.

Quer se aprofundar?

Para saber mais sobre a Reforma Universitária de 1968, acesse: [Portal da Câmara dos Deputados](#)

Para saber mais sobre o Projeto Rondon, acesse: [Projeto Rondon – Ministério da Defesa](#)

1.2 Papel da extensão universitária

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária, a Extensão é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove interação transformadora entre universidade e sociedade. Fundamentada na indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, constitui dimensão essencial da missão acadêmica das IES.

A Extensão é um espaço estruturante de integração entre produção científica e tecnológica e demandas sociais. Mais do que difundir conhecimento, instaura diálogo de mão dupla: a universidade compartilha ciência e inovação com os territórios e incorpora saberes locais, práticas comunitárias e desafios sociais como insumos para a formação (Ensino) e para a investigação (Pesquisa). Dessa forma, a pesquisa incorpora múltiplas perspectivas e amplia seu potencial para gerar novos paradigmas.

Ela pode ser compreendida também como ponto de síntese entre Ensino e Pesquisa, funcionando como espaço em que aprendizado e investigação se materializam em ações voltadas ao bem comum: tecnologias sociais, políticas públicas, serviços, produtos e soluções que retornam à sociedade.

Esse processo:

- amplia a formação discente ao articular teoria e prática;
- fortalece a pesquisa aplicada e a inovação docente;
- contribui para transformar realidades, promover inclusão e fortalecer iniciativas comunitárias.

A Extensão torna-se, assim, dimensão estratégica para o desenvolvimento local e territorial, fomentando a cidadania, a participação social e a sustentabilidade.

A internacionalização, em especial a **Internacionalização em Casa (leC)**, acrescenta nova camada a esse papel. A interação internacional pode ocorrer nos próprios territórios, por meio de:

- projetos colaborativos com instituições estrangeiras;
- cofinanciamento de projetos conjuntos;
- atividades COIL (*Collaborative Online International Learning*);
- cursos e oficinas com parceiros internacionais;
- trocas de tecnologias sociais e práticas inovadoras com outros países.

Além de deslocar pessoas, deslocam-se saberes de forma ética, horizontal e contextualizada. A leC conecta saberes locais a debates globais e evidencia o valor internacional das tecnologias sociais brasileiras e dos conhecimentos ancestrais presentes nos territórios.

Para ser reconhecida como ação extensionista, é preciso que haja **intencionalidade, diálogo e impacto**: a atividade deve ultrapassar os limites da universidade e estabelecer interação educativa real com comunidades, organizações, setores públicos ou grupos sociais diversos.

Por isso, é fundamental diferenciar o que é e o que não é Extensão.

Quadro 1 – Práticas Extensionistas e Não Extensionistas

É EXTENSÃO	NÃO É EXTENSÃO
Projetos e programas participativos com comunidades externas, voltados a demandas sociais, culturais, econômicas, políticas e/ou ambientais.	Atividades de laboratório ou pesquisa interna sem interação com a comunidade externa.
Cursos, oficinas, eventos e formações abertas à sociedade, desenvolvidas em parceria com organizações, empresas, movimentos sociais, comunidades, populações tradicionais e/ou órgãos públicos.	Aulas regulares voltadas apenas para estudantes da própria universidade.
Ações interdisciplinares que integram Ensino, Pesquisa e práticas transformadoras no território.	Eventos acadêmicos restritos ao público interno (seminários, jornadas e congressos).
Atividades que produzem impacto social, cultural, ambiental, político e/ou econômico, com registro, acompanhamento e avaliação.	Prestação de serviços isolada, sem caráter educativo, formativo ou transformador.
Processos de co-criação em que estudantes, docentes e comunidades constroem soluções em conjunto.	Estágios supervisionados obrigatórios quando não têm vínculo explícito com práticas extensionistas.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

Em síntese, compreender o papel da Extensão no contexto das IES significa reconhecer sua natureza integradora, sua potência transformadora e sua função estratégica de aproximar universidade e sociedade como espaço de aprendizagem e de aplicação do conhecimento, inovação, tecnologias sociais e impacto.

1.3 Centralidade dos Territórios e Adaptação Contínua das Práticas Extensionistas

A Extensão Universitária se realiza plenamente quando reconhece que seu ponto de partida – e de chegada – é o território. Entendido não apenas como espaço geográfico, mas como conjunto de relações sociais, econômicas, culturais, políticas e ambientais, o território expressa desafios, saberes, potencialidades e histórias que dão sentido a cada ação extensionista. Não existe Extensão descontextualizada: toda prática extensionista precisa ser construída a partir do lugar em que se insere, respeitando especificidades e respondendo a demandas reais legitimadas pelas comunidades. Projetos bem-sucedidos interpretam o contexto, dialogam com seus atores e se adaptam às transformações em curso.

Esse caráter contextual tem duas dimensões:

- **Territorialidade (dimensão espacial)** – perfis produtivos, identidades culturais, estruturas institucionais, níveis de vulnerabilidade e agendas comunitárias moldam as práticas extensionistas. Prioridades variam entre contextos urbanos e rurais, cooperativas e escolas, jovens e lideranças tradicionais.
- **Dinamicidade dos territórios (dimensão temporal-relacional)** – mudanças políticas, econômicas, ambientais, geracionais e organizacionais alteram continuamente os territórios. Diagnósticos não são definitivos; projetos precisam ser revistos, com escutas periódicas e atualização de estratégias em parceria com as comunidades.

Ao reconhecer a centralidade dos territórios, a Extensão consolida-se como prática:

- **situada**, porque nasce de realidades locais;
- **corresponsável**, porque envolve a comunidade em todas as etapas;
- **dialógica**, porque valoriza saberes plurais;
- **adaptativa**, porque responde a contextos em transformação;
- **transformadora**, porque gera impactos concretos.

Esse enfoque reforça a conexão entre Ensino, Pesquisa e Extensão, inspirando metodologias que partem de problemas reais e formam estudantes capazes de analisar contextos, criar soluções e atuar de forma crítica, ética e comprometida com o desenvolvimento local e com os ODS.



Extensão não é sobre replicar modelos. **Extensão é sobre criar caminhos novos**, enraizados nos territórios e sensíveis às mudanças do tempo.

Por que isso importa para IES, docentes, técnicos e estudantes?

- Evita práticas assistencialistas e ações pontuais sem impacto.
- Garante curricularização da Extensão significativa, e não burocrática.
- Fortalece redes locais e protagonismo comunitário.
- Amplia o potencial de inovação social e de empreendedorismo de impacto.
- Reorienta a cultura acadêmica para atuação mais aberta e conectada ao mundo real.

1.4 Estratégias para Fortalecer a Extensão Universitária

A partir dessa compreensão ampliada, torna-se essencial identificar as dimensões estratégicas que sustentam práticas extensionistas qualificadas (Quadro 2). São elas que orientam a relação entre universidade e sociedade, fortalecendo a corresponsabilidade territorial e assegurando que a Extensão se realize como campo de impacto social, ambiental e formativo.

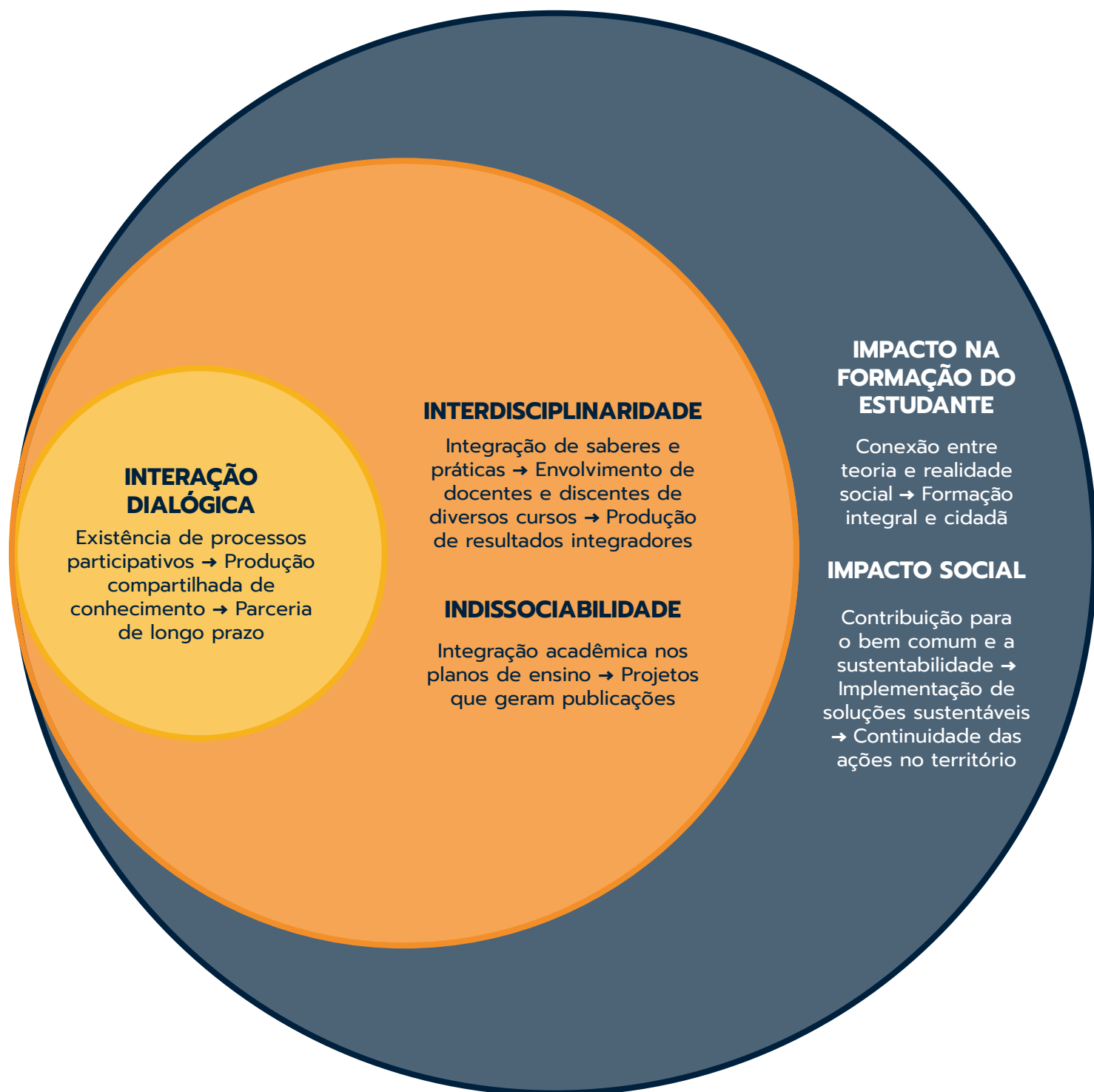
Quadro 2: Dimensões Estratégicas para Fortalecer a Extensão Universitária

DIMENSÃO ESTRATÉGICA	DESCRIÇÃO	PRÁTICAS RECOMENDADAS
1. Articulação com a Comunidade	Conexão horizontal entre universidade e atores sociais, garantindo que as ações respondam a demandas reais dos territórios.	● Estabelecer parcerias com organizações locais ● Co-planejar projetos com comunidades. ● Valorizar saberes locais e tradições.
2. Mentoria e Orientação	Apoio contínuo aos estudantes, promovendo reflexão crítica, autonomia e postura empreendedora.	● Acompanhamento de docentes, técnicos e profissionais externos. ● Incentivo à aprendizagem prática e interdisciplinar. ● Inclusão de mentores comunitários e detentores de saberes tradicionais e mentores do ecossistema de negócios e inovação.
3. Avaliação e Monitoramento	Avaliações sistemáticas para garantir qualidade, impacto e alinhamento aos objetivos das ações.	● Indicadores formativos, sociais, ambientais e/ou econômicos. ● Avaliação participativa com a comunidade. ● Transparência institucional e controle social.
4. Disseminação do Conhecimento	Sistematização e divulgação dos resultados, fortalecendo redes de impacto e inovação social.	● Publicações, relatórios, vídeos, podcasts e eventos. ● Compartilhamento com comunidades, gestores e parceiros. ● Produção de materiais acessíveis e replicáveis.
5. Ética e Responsabilidade Territorial	Compromisso ético com os territórios, evitando práticas que reproduzem desigualdades ou explorem as comunidades.	● Evitar “extrativismo de dados” ● Utilizar metodologias participativas. ● Produzir diagnósticos colaborativos e reconhecer múltiplos saberes.

A síntese apresentada evidencia que práticas extensionistas qualificadas dependem de intencionalidade, ética e corresponsabilidade. A Extensão vai além de ações pontuais e se sustenta em processos de diálogo, participação e responsabilização mútua. Nesse cenário, os Fundamentos da Extensão Universitária – os “5 Is” formulados pelo ForExt – orientam ações que integrem Ensino, Pesquisa e compromisso social. A figura 2 proposta sintetiza esses fundamentos como ciclo contínuo de aprendizagem e transformação, em que:

- **Interação Dialógica** identifica problemas reais e oportunidades de transformação;
- **Interdisciplinaridade e Indissociabilidade** articulam diferentes áreas do conhecimento;
- **Impacto na Formação do Estudante** e **Impacto Social** trazem os resultados nos territórios e na trajetória discente.

Figura 2 – Dimensões Integradas da Extensão Universitária: dos Processos Dialógicos aos Impactos Formativos e Sociais



Essas dimensões formam um sistema integrado que consolida a Extensão como espaço de inovação social, conectando comunidades, organizações e ecossistemas de empreendedorismo de impacto.

1.5 Curricularização da extensão universitária

Integrar a Extensão aos currículos de graduação significa incorporar atividades extensionistas de forma orgânica às disciplinas e práticas pedagógicas, alinhadas aos objetivos formativos dos cursos e às demandas sociais dos territórios.

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária, a Extensão deve estar explicitada nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), com carga horária definida, metodologias próprias e avaliação de impactos no aprendizado e no desenvolvimento dos estudantes.

As IES podem adotar estratégias como:

- criação de componentes curriculares específicos (disciplinas práticas, estágios extensionistas, laboratórios de campo, projetos de intervenção social);
- projetos integrados a disciplinas teóricas, articulando conteúdos acadêmicos a atividades com impacto social;
- núcleos extensionistas e de inovação social como espaços pedagógicos permanentes;
- projetos interdisciplinares que aproximem diferentes áreas do conhecimento em torno de problemas concretos;

- indicações sobre estabelecimento de carga horária, avaliação e reconhecimento da Extensão na carreira docente (remuneração, progressão, promoção, avaliação sistematizada), pois isso é crucial para o engajamento.

1.6 Incorporação da Extensão Universitária na Pós-Graduação

Os instrumentos recentes de avaliação da pós-graduação e da pesquisa no Brasil têm destacado o impacto social e ambiental dos Programas de Pós-Graduação (PPGs), abrindo oportunidade para fortalecer a Extensão como eixo estruturante da pesquisa e da inovação.

O primeiro passo é um **diagnóstico interno** que identifique docentes, discentes, técnicos e parceiros que já atuam em sintonia com as dimensões integradas da Extensão. A partir desse mapeamento, é possível fortalecer metodologias de coconstrução, incorporar tecnologias sociais e orientar a pesquisa para desafios socioambientais concretos dos territórios.

Recomenda-se:

- repensar disciplinas e Projeto Pedagógico do Programa, incorporando metodologias participativas e pesquisa engajada;
- criar ou fortalecer Estágio em Práticas Extensionistas na pós-graduação, a exemplo do Estágio Docência e do Estágio de Pesquisa;
- buscar parcerias com programas e/ou organizações que possam colaborar com o desenvolvimento da pesquisa como um modelo de negócio de impacto socioambiental;
- adotar metodologias sistemáticas de acompanhamento, registro e avaliação das práticas extensionistas nos PPGs.

O Quadro 3 reúne estratégias para apoiar esse processo, promovendo práticas inovadoras e orientadas ao impacto socioambiental.

Quadro 3 - Estratégias para a incorporação da Extensão na Pós-Graduação *Stricto Sensu*

AÇÃO ESTRATÉGICA	DESCRIÇÃO DA PRÁTICA	BENEFÍCIOS E RESULTADOS ESPERADOS
Diagnóstico Participativo	Mapeamento de docentes, discentes, grupos e linhas de pesquisa que já atuam segundo os princípios dos 5 Is da Extensão; identificação de parcerias externas existentes (OSCs, cooperativas, empresas de impacto, órgãos públicos).	Fortalece a visão integrada dos PPGs; identifica potencialidades e amplia conexões com a sociedade.
Revisão Curricular e de Disciplinas	Inserção de conteúdos e metodologias participativas nas disciplinas; integração de temas como inovação social, economia circular e empreendedorismo de impacto nos planos de ensino.	Amplia o diálogo entre teoria e prática; favorece a formação crítica e aplicada.
Criação de Estágios em Práticas Extensionistas	Implementação de Estágios de Extensão nos moldes do Estágio Docência e do Estágio de Pesquisa.	Garante vivência extensionista estruturada; fortalece o protagonismo discente e a inserção territorial.
Parcerias Intersetoriais	Estabelecimento de convênios e acordos de cooperação entre PPGs e organizações sociais, públicas e privadas para o desenvolvimento de projetos de impacto.	Estimula a inovação aberta e a produção de tecnologias sociais; amplia a relevância dos PPGs.
Monitoramento e Avaliação de Impacto	Criação de instrumentos de registro, acompanhamento e mensuração das ações extensionistas (indicadores de impacto social, ambiental e formativo).	Consolida a cultura de transparência, avaliação e melhoria contínua; contribui para os relatórios da CAPES e do CNPq.

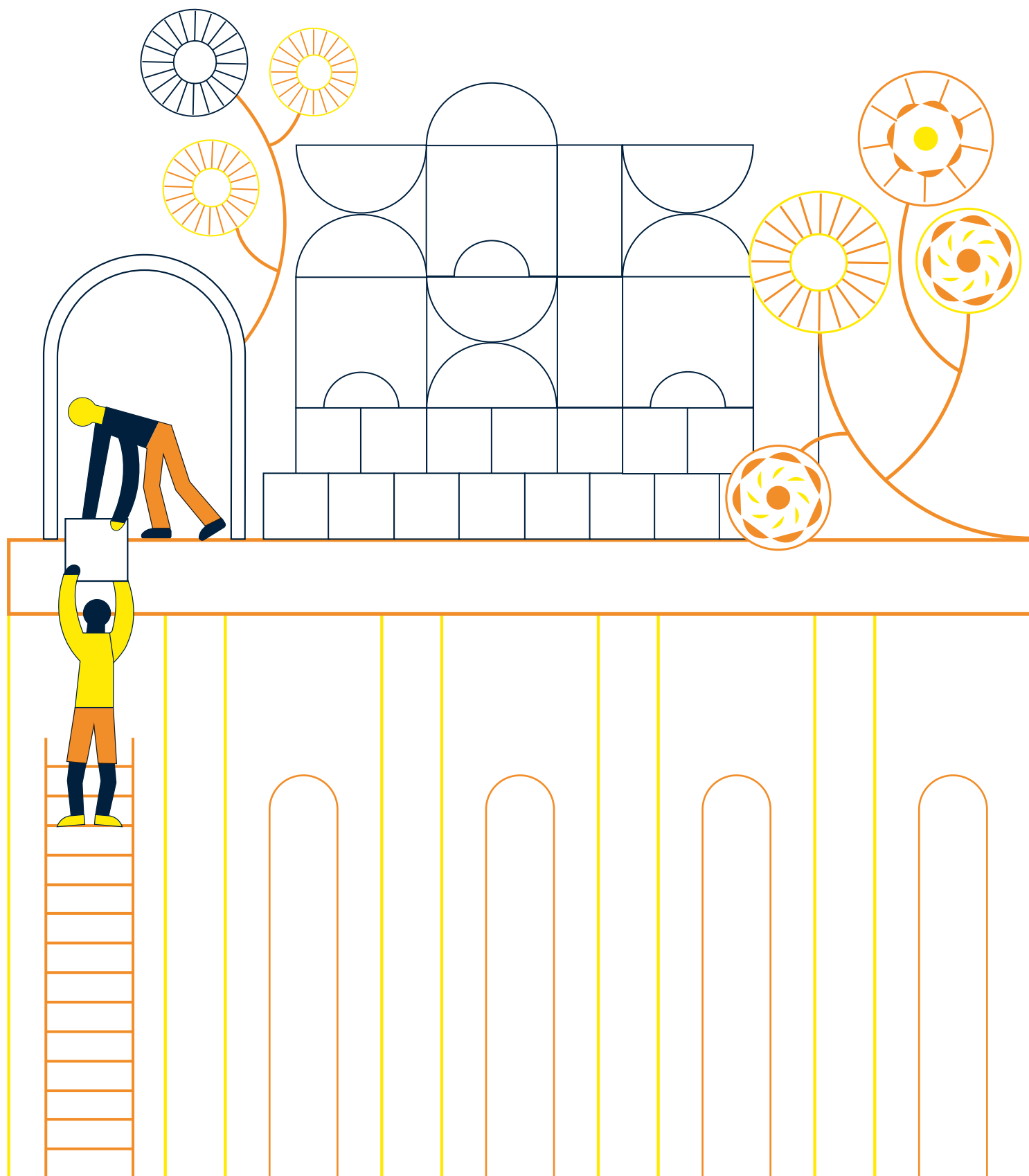
AÇÃO ESTRATÉGICA	DESCRIÇÃO DA PRÁTICA	BENEFÍCIOS E RESULTADOS ESPERADOS
Integração Graduação– Pós-Graduação	Criação de projetos e disciplinas compartilhadas, envolvendo mestrandos, doutorandos e graduandos em ações conjuntas de extensão.	Promove a troca de experiências, a interdisciplinaridade e o aprendizado intergeracional.
Formação Continuada de Docentes e Técnicos	Realização de oficinas, cursos e mentorias sobre metodologias participativas, design de impacto e inovação social.	Fortalece a capacidade institucional dos PPGs e o engajamento das equipes.
Disseminação e Comunicação Científica Ampliada	Publicação e divulgação de resultados de extensão em plataformas acadêmicas e comunitárias, relatórios e mídias sociais.	Valoriza o impacto da ciência; fortalece a imagem pública da universidade como agente de transformação.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

Superar mitos e preconceitos é essencial: a incorporação da Extensão não diminui a qualidade científica; ao contrário, amplia o sentido da pesquisa ao aproximá-la das necessidades reais da sociedade e das metas dos ODS.

CAPÍTULO 2:

Princípios e critérios para a curricularização da extensão com intencionalidade de impacto



CAPÍTULO 2:

Princípios e critérios para a curricularização da extensão com intencionalidade de impacto

2.1 Intencionalidade de Impacto Socioambiental

A Extensão orientada para o impacto socioambiental parte do princípio de que o conhecimento científico e tecnológico deve gerar transformações positivas e mensuráveis para comunidades e meio ambiente.

Impacto socioambiental é entendido como resultado das ações extensionistas que produzem mudanças sociais, culturais, econômicas ou ecológicas relevantes e duradouras, em processos contínuos de aprendizagem e fortalecimento de capacidades locais.

Pilares centrais são o protagonismo, a autonomia e a centralidade dos atores dos territórios na luta por direitos e por justiça socioambiental, com apoio das IES, sem substituí-los.

Entre exemplos de ações extensionistas com foco em impacto socioambiental, destacam-se:

- educação ambiental em escolas e comunidades;
- projetos de saúde preventiva e bem-estar;
- apoio à organização de cooperativas e empreendimentos socioambientais;
- soluções baseadas na natureza e na economia circular;
- iniciativas de bioeconomia e tecnologias sociais;
- programas de formação empreendedora de impacto;
- programas de Extensão tecnológica que articulem ciência, tecnologia e solução de problemas complexos.

Para orientar escolhas, as IES devem adotar a **priorização territorial** com base em diagnósticos participativos, indicadores públicos e escuta ativa de comunidades, organizações sociais, órgãos públicos e empreendedores de impacto, como no quadro 4:

Quadro 4: Monitoramento do Impacto Socioambiental das Ações de Extensão Universitária

DIMENSÃO	OBJETIVO	EXEMPLOS DE INDICADORES
1. Social	Medir transformações nas condições de vida, cidadania e organização comunitária.	● Número de pessoas capacitadas ou atendidas. ● Criação/fortalecimento de cooperativas e associações. ● Aumento de renda ou inclusão produtiva. ● Participação social e protagonismo comunitário. ● Melhoria no acesso a serviços públicos. ● Quantidade de tecnologias/soluções transferidas para a comunidade.
2. Ambiental	Avaliar os efeitos das ações extensionistas sobre o meio ambiente e a sustentabilidade.	● Redução de resíduos e emissões. ● Práticas de economia circular e reaproveitamento de materiais. ● Conservação de recursos naturais e biodiversidade. ● Recuperação de áreas degradadas. ● Adoção de tecnologias sociais sustentáveis.
3. Formativa e Acadêmica	Verificar a contribuição da Extensão para a formação dos estudantes e a integração ensino-pesquisa-extensão e internacionalização.	● Número de cursos, professores, técnicos e estudantes. ● Produção de relatórios, artigos ou produtos técnicos. ● Integração com disciplinas e PPC. ● Desenvolvimento de competências socioambientais e empreendedoras. ● Atividades de Extensão com atores internacionais, como: ○ projetos colaborativos com universidades estrangeiras; ○ iniciativas COIL; ○ participação em redes globais de inovação social e ODS.
4. Sustentabilidade do Projeto	Analisar a continuidade, a autonomia e a replicabilidade das ações após o apoio institucional.	● Parcerias interinstitucionais ativas. ● Captação de novos recursos. ● Criação de empreendimentos sociais ou <i>startups</i> de impacto. ● Replicação e ampliação de metodologias. ● Permanência de benefícios no território. ● Inserção em políticas públicas e redes locais.

Ao adotar critérios de impacto socioambiental, a Extensão fortalece sua integração com Ensino, Pesquisa e Internacionalização e consolida a universidade como agente de inovação e desenvolvimento sustentável.

2.2 Empreendedorismo Social como Estratégia

A intencionalidade em impacto socioambiental abre caminho para o **empreendedorismo social** como estratégia central da Extensão Universitária. Empreender com propósito significa desenvolver soluções inovadoras e sustentáveis para desafios sociais e ambientais, unindo conhecimento acadêmico, compromisso ético e responsabilidade coletiva.

Mais do que criar negócios, o empreendedorismo social promove transformação social por meio da inovação, estimulando protagonismo estudantil, articulação com comunidades e fortalecimento de redes de cooperação.

Formas de incentivo incluem:

- disciplinas específicas sobre negócios de impacto, inovação social e sustentabilidade;
- incubadoras sociais e pré-incubadoras comunitárias;
- *hackathons*, desafios e laboratórios de inovação social;
- programas de mentoria e parcerias intersetoriais e internacionais.

A curricularização da Extensão transforma atividades acadêmicas em experiências de aprendizagem empreendedora com visão socioambiental, fazendo dos projetos de campo verdadeiros laboratórios vivos de inovação.

2.3 Colaboração Interdisciplinar

A Extensão é, por natureza, interdisciplinar. Problemas sociais, econômicos e ambientais exigem integração de perspectivas, métodos e saberes diversos.

Projetos de Extensão que reúnem áreas como Administração, Design, Computação, Engenharias, Ciências Sociais, Saúde, Educação e Ciências Ambientais tornam-se espaços de cocriação e inovação, em diálogo com práticas sociais, tecnologias e expressões culturais.

Benefícios da colaboração interdisciplinar:

- maior capacidade de resolver problemas complexos;
- produção de inovação social e tecnológica;
- formação integral dos estudantes;
- aproximação entre áreas acadêmicas e atores sociais.

As IES podem fomentar essa colaboração por meio de:

- projetos interdepartamentais;
- disciplinas e projetos integradores;
- laboratórios de inovação e redes temáticas de Extensão;
- editais internos que priorizem propostas interdisciplinares com impacto socioambiental.

Quadro 5: Exemplos de Projetos Interdisciplinares de Extensão Universitária

ÁREAS ENVOLVIDAS	DESAFIO LOCAL	SOLUÇÃO COM POTENCIAL DE GERAR IMPACTO	RESULTADO POTENCIAL
Administração + Design + Computação	Fortalecer cooperativas de reciclagem e reduzir o desperdício de materiais no território.	Desenvolvimento de soluções de economia circular e criação de modelos de negócio sustentável com base em ferramentas de <i>design thinking</i> e gestão colaborativa.	Cooperativas com melhor gestão, novos produtos sustentáveis e aumento da renda local.
Saúde + Computação	Ampliar o acesso a informações sobre prevenção e hábitos saudáveis em comunidades urbanas e rurais.	Criação de aplicativos e plataformas digitais para campanhas de prevenção, monitoramento de saúde e educação comunitária.	Maior alcance das ações de saúde preventiva e engajamento de jovens e agentes comunitários.
Ciências Sociais + Engenharias	Melhorar a infraestrutura e as condições de moradia em comunidades vulneráveis.	Desenvolvimento de tecnologias sociais de baixo custo, como sistemas de captação de água, energia solar e saneamento ecológico.	Melhoria da qualidade de vida, autonomia comunitária e replicação em outros territórios.
Educação + Ciências Ambientais	Promover a conscientização ambiental e o uso sustentável dos recursos naturais em escolas e comunidades rurais.	Implementação de programas educativos e hortas escolares, articulando práticas pedagógicas e educação ambiental.	Aumento da consciência ecológica e integração escola–comunidade.
Administração + Comunicação + Ciências Contábeis	Fortalecer empreendimentos solidários e associações comunitárias.	Desenvolvimento de planos de negócio, identidade visual e estratégias de comunicação para iniciativas de impacto.	Sustentabilidade financeira e maior visibilidade de projetos locais.

2.4 Complementaridade dos Eixos Extensionistas

No contexto da curricularização da extensão, destacam-se dois eixos:

Extensão Comunitária de Impacto – enraizamento social, fortalecimento de cooperativas, inclusão produtiva;

Extensão Tecnológica e Empreendedora de Impacto – inovação, startups, escalabilidade.

A primeira parte de demandas e saberes dos territórios e aposta em economia solidária, cooperativismo, formação cidadã e qualificação profissional voltada à geração de renda.

A segunda parte de conhecimentos científicos e tecnológicos da universidade, mobilizando pesquisa aplicada, metodologias de inovação e práticas empreendedoras para desenvolver tecnologias sociais, plataformas digitais, soluções em economia circular, bioeconomia e negócios de impacto.

Quadro 6 - Comparação entre os Eixos Extensionistas

DIMENSÃO	EXTENSÃO COMUNITÁRIA DE IMPACTO	EXTENSÃO TECNOLÓGICA E EMPREENDEDORA DE IMPACTO
Ponto de Partida	Demandas sociais e saberes locais presentes nos territórios.	Conhecimento científico e tecnológico e metodologias de inovação.
Foco	Fortalecimento comunitário, inclusão produtiva e justiça socioambiental.	Inovação, prototipagem, tecnologias sociais e negócios de impacto.
Tipo de Impacto	Enraizamento territorial e transformação social direta.	Escalabilidade, replicabilidade e soluções aplicáveis a múltiplos contextos.
Abordagem	Cocriação com comunidades, diálogo horizontal, economia solidária.	Pesquisa aplicada, <i>design thinking</i> , laboratórios maker, empreendedorismo.
Exemplos	Cooperativas, associações, formação cidadã, oficinas produtivas.	Apps sociais, soluções digitais, produtos sustentáveis, <i>startups</i> de impacto.
Perfil das Parcerias	Lideranças comunitárias, OSCs, movimentos sociais, cooperativas.	Incubadoras, <i>hubs</i> de inovação, empresas de impacto, laboratórios de P&D.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

2.4.1. Dimensões Transversais

Dois eixos transversais integram essas modalidades:

- **Profissionalizante** – qualificação empreendedora e inclusão produtiva;
- **Socioambiental** – sustentabilidade, economia circular e bioeconomia.

2.4.2 Critério de Complementaridade

A integração entre Extensão Comunitária e Extensão Tecnológica é decisiva para potencializar ações socioambientais das IES:

- demandas reais dos territórios orientam desafios de inovação;
- tecnologias produzidas na universidade são validadas e adaptadas em campo;
- cooperativas e movimentos sociais atuam como coprodutores de conhecimento;
- soluções digitais emergem de saberes tradicionais e diagnósticos participativos;
- estudantes vivenciam formação integral (sensibilidade social + competências tecnológicas + consciência intercultural);
- parcerias internacionais e atividades COIL ampliam horizontes sem romper vínculos comunitários.



Internacionalizar não é “deslocar pessoas”, mas conectar saberes – sem perder o enraizamento territorial e sempre valorizando as vozes e práticas locais.

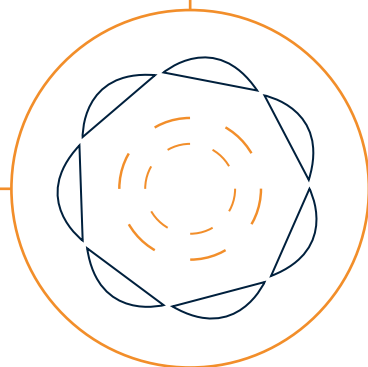
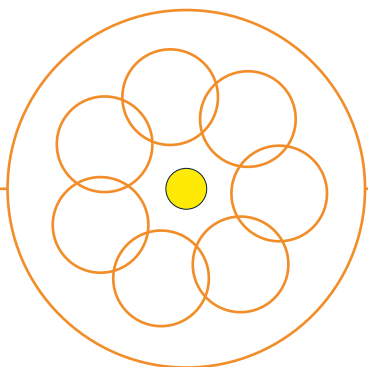
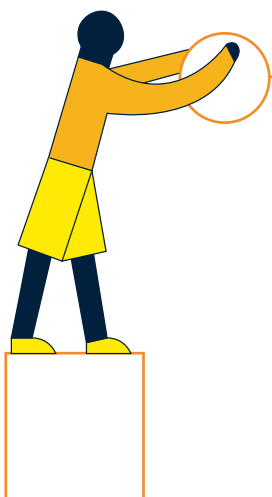
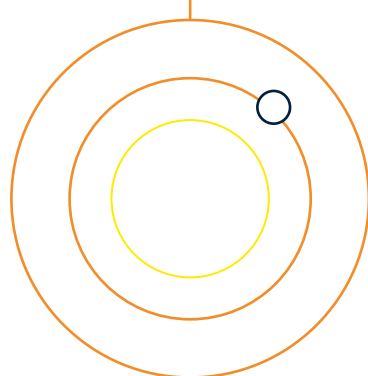
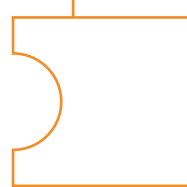
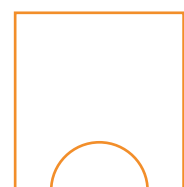
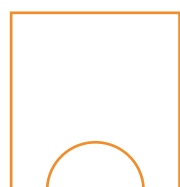
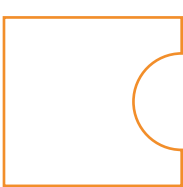
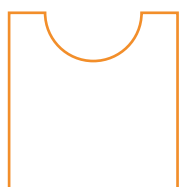
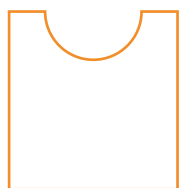
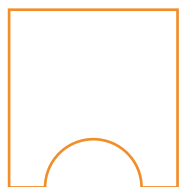
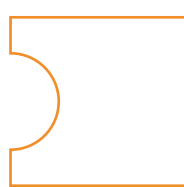
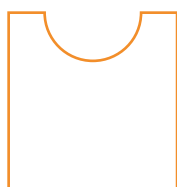
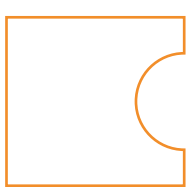
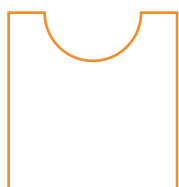
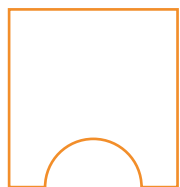
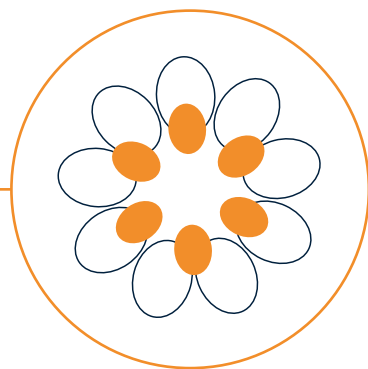
Em síntese, esse modelo integrado representa o futuro da Extensão Universitária: territorialmente enraizada, tecnologicamente inovadora e conectada a redes nacionais e internacionais de aprendizagem e transformação.

2.5 Resultados Esperados

A Curricularização da Extensão, orientada por impacto socioambiental e colaboração interdisciplinar, gera resultados que vão além do cumprimento de norma:

- formação de estudantes críticos, criativos e proativos, protagonistas de sua aprendizagem;
- centralidade discente e comunitária nas práticas, com docentes atuando como mentores e facilitadores;
- ampliação do protagonismo comunitário e fortalecimento de cooperativas e organizações sociais;
- desenvolvimento de soluções inovadoras em sustentabilidade, inclusão e economia circular;
- contribuição para políticas públicas e para o alcance dos ODS.

Ao articular Ensino, Pesquisa e Extensão em torno de problemas concretos, as universidades assumem papel estratégico no desenvolvimento humano e sustentável.



CAPÍTULO 3

Boas práticas para a Implementação

CAPÍTULO 3

Boas Práticas para a Implementação

3.1 Articulação com a Comunidade

A implementação da Extensão Universitária — especialmente no contexto da Curricularização — não depende apenas de diretrizes, metodologias ou normas institucionais. Ela exige uma transformação profunda na cultura acadêmica.

Por décadas, muitas universidades operaram sob uma lógica que priorizava o Ensino e a Pesquisa, relegando a Extensão a um lugar periférico. Essa organização fragmentada dificultou o diálogo entre saberes, a interdisciplinaridade e a construção de soluções socialmente relevantes.

Superar esse padrão requer uma mudança de mentalidade e práticas institucionais. Isso significa:

- valorizar a Extensão como dimensão essencial da formação, e não como atividade complementar;
- reconhecer saberes comunitários, tradicionais e ancestrais como fontes legítimas de conhecimento;
- promover corresponsabilidade entre docentes, técnicos, estudantes e parceiros externos;
- articular Pesquisa e Extensão para gerar impacto e inovação social;

- assumir compromisso ético e territorial como parte da missão universitária.

Esse reposicionamento cultural cria as condições para que as práticas extensionistas descritas nas próximas seções sejam efetivas, sustentáveis e transformadoras.

3.2 Mentoria e Orientação

No Capítulo 2, discutimos os fundamentos dessa integração. Aqui, apresentamos como ela pode ser **operacionalizada no cotidiano dos projetos**, articulando enraizamento territorial com inovação e escalabilidade.

A força da Extensão está justamente em unir estes dois mundos: soluções que nascem do território e crescem pela inovação. Defina qual a melhor modalidade para seu projeto de Extensão.

3.2.1 Como combinar as modalidades na prática

1. Problemas identificados com comunidades → tornam-se desafios de inovação.

O ponto de partida sempre é territorial: diagnósticos colaborativos revelam necessidades reais que os laboratórios transformam em desafios criativos.

2. Tecnologias e protótipos desenvolvidos na universidade → são validados com grupos locais.

Nada é implementado “de cima para baixo”. As comunidades testam, adaptam e aprimoram soluções para que elas façam sentido no território.

3. Cooperativas, associações e movimentos sociais → atuam como coprodutores de inovação.

Não são beneficiários, são coautores. Participam do *design*, do teste e da avaliação, influenciando diretamente o ciclo de inovação.

4. Saberes comunitários → orientam protótipos, tecnologias sociais e modelos de negócio.

Tradições, práticas culturais e experiências produtivas guiam a criação de soluções mais sustentáveis, viáveis e aderentes.

5. Estudantes → desenvolvem sensibilidade social + competências tecnológicas.

Ao transitar entre campo e laboratório, os estudantes aprendem a inovar com propósito: técnica + empatia + escuta + criatividade.

3.2.2 Resultado esperado

Projetos que articulam as duas modalidades tornam-se:

- comunitários na origem (porque partem do diálogo e da territorialidade);
- empreendedores na estratégia (porque usam métodos de inovação, criatividade e prototipagem);
- sustentáveis no propósito (porque geram valor social, ambiental e econômico de forma contínua).

Essas práticas formam um novo paradigma da Extensão: **inovação orientada pelo território**, capaz de gerar impacto socioambiental relevante e de longo prazo.

3.3 Avaliação e Monitoramento

Após discutirmos, no Capítulo 2, os fundamentos conceituais sobre diálogo, territorialidade e interação com comunidades, este item apresenta orientações práticas para que cursos de graduação e pós-graduação construam relações qualificadas com os territórios. A articulação com a comunidade e os territórios é a base de qualquer ação extensionista consistente e deve ser conduzida com intencionalidade, respeito e corresponsabilidade.

3.3.1 Objetivo da Prática

Construir relações horizontais, contínuas e baseadas na confiança entre universidade e territórios, garantindo que os projetos extensionistas dialoguem com necessidades reais, fortaleçam capacidades locais e promovam desenvolvimento socioambiental.

3.3.2 Como Implementar (Passo a Passo)

Para orientar a implementação de ações extensionistas de forma coerente com os princípios discutidos neste guia, o quadro 7 apresenta um passo a passo integrado, aplicável tanto à Extensão Comunitária quanto à Extensão Tecnológica e Empreendedora.

Quadro 7 – Roteiro Prático para Projetos de Extensão com Impacto Socioambiental

ETAPA	O QUE FAZER	FOCO COMUNITÁRIO	FOCO TECNOLÓGICO
1. Mapeie o território	Identifique atores, recursos e desafios do território.	Organizações sociais, coletivos, cooperativas, escolas, lideranças e demandas locais.	Empresas de impacto, laboratórios, startups, <i>hubs</i> de inovação, desafios técnicos.
2. Realize escuta qualificada	Conduza um diagnóstico participativo, aberto e sensível.	Rodas de conversa, entrevistas, visitas, validação de percepções comunitárias.	<i>Workshops</i> de desafios, levantamento técnico, análise de problemas que pedem inovação.
3. Coprojete as ações	Planeje com, e não para, os parceiros do território.	Construção conjunta de objetivos, atividades e responsabilidades, com protagonismo comunitário.	Cocriação de protótipos, soluções digitais ou tecnologias sociais com participação local.
4. Formalize a parceria	Estabeleça compromissos claros e transparentes.	Termos simples de cooperação; definição de papéis e expectativas.	Acordos para testes, prototipagem, uso de laboratórios e compartilhamento de resultados.
5. Garanta retroalimentação contínua	Mantenha comunicação ativa, devolutivas e ajustes.	Compartilhamento de avanços, validação comunitária e ajustes coletivos.	Iterações técnicas, testes em campo, melhorias colaborativas, documentação compartilhada.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

Lições Aprendidas

Ao longo das práticas extensionistas, torna-se essencial reconhecer alguns princípios que ajudam a evitar distorções no processo. Entre as principais lições aprendidas, destacam-se:

- **Evite** realizar ações pontuais ou desconectadas do território, pois o impacto exige continuidade e vínculo comunitário.
- **Evite** adotar práticas assistencialistas, verticalizadas ou paternalistas, que anulam o protagonismo local.
- **Evite** utilizar comunidades apenas como “campo de pesquisa” ou fonte de dados, desconsiderando seu papel como sujeitos de conhecimento.
- **Evite** deixar de realizar devolutivas, pois transparência e retorno são partes indispensáveis do compromisso ético da Extensão.

Essas lições reforçam a importância de uma Extensão Universitária ética, corresponsável e construída em diálogo permanente com os territórios.

3.4 Mentoria e Acompanhamento Formativo

A mentoria extensionista, introduzida de forma conceitual no Capítulo 2, é aqui tratada como um instrumento operacional para apoiar a aprendizagem, fortalecer competências socioambientais e orientar estudantes na condução de projetos que dialogam com desafios reais dos territórios. Trata-se de um processo contínuo que combina escuta, orientação, reflexão crítica e experimentação prática.

3.4.1 Objetivo da Prática

Oferecer apoio consistente e qualificado aos estudantes, estimulando autonomia, sensibilidade social, rigor metodológico, criatividade e postura empreendedora ao longo das ações extensionistas.

3.4.2 Como Implementar (Passo a Passo)

Diferentemente de um acompanhamento pontual, a mentoria extensionista exige presença, diálogo e diversidade de perspectivas. O quadro a seguir organiza, de forma prática e didática, um roteiro para implementação de processos de mentoria, reforçando que orientar estudantes significa também cuidar dos processos, valorizar saberes diversos e assegurar que as decisões sejam tomadas de forma ética, colaborativa e situada no contexto territorial.

Quadro 8 – Roteiro Prático de Mentoria e Acompanhamento Formativo

ETAPA	DESCRIÇÃO DA PRÁTICA
1. Defina quem será responsável pela mentoria	A mentoria deve envolver múltiplas perspectivas para enriquecer o processo formativo. Podem atuar como mentores: ● docentes; ● técnicos e profissionais especializados; ● parceiros externos (OSCs, empresas de impacto, órgãos públicos); ● lideranças comunitárias e detentores de saberes tradicionais.
2. Estabeleça encontros periódicos	Crie um fluxo contínuo de acompanhamento: ● orientações quinzenais ou mensais; ● revisão de planos, metas e produtos; ● discussão de desafios emergentes e apoio à tomada de decisão.
3. Incentive a reflexão crítica	A mentoria deve apoiar a formação integral do estudante: ● uso de diários de bordo e portfólios reflexivos; ● rodas de aprendizagem e trocas entre grupos; ● debate sobre dilemas éticos, impactos sociais e escolhas metodológicas.
4. Promova aprendizagem prática	Conecte orientação com experiência real em campo: ● resolução de problemas identificados nos territórios; ● cocriação de soluções com parceiros; ● validação de protótipos e ajustes contínuos com base no retorno da comunidade.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

Lições Aprendidas

Para que o acompanhamento formativo seja realmente transformador, algumas práticas precisam ser evitadas. As principais lições aprendidas mostram que é recomendado:

- **Evite** centralizar toda a mentoria em um único docente, pois isso limita a diversidade de saberes, experiências e perspectivas necessárias ao processo extensionista.
- **Evite** realizar encontros esporádicos ou irregulares, já que continuidade e presença são fundamentais para apoiar o desenvolvimento dos estudantes.

- **Evite** focar apenas nos resultados finais, ignorando o percurso formativo, os aprendizados processuais e os dilemas vivenciados no caminho.
- **Evite** desconsiderar saberes comunitários, conhecimentos práticos e perspectivas não acadêmicas, que são parte essencial da construção compartilhada.

Essas lições reforçam que a mentoria extensionista é um espaço de diálogo, escuta, acompanhamento e aprendizagem conjunta — nunca um processo hierárquico, isolado ou centrado apenas na lógica acadêmica.

3.5 Avaliação e Acompanhamento de Impacto

No Capítulo 2, discutimos os fundamentos da avaliação na Extensão. Nesta seção, avançamos para o como fazer, ressaltando caminhos que evitam a armadilha da “metrificação excessiva” — especialmente importante quando tratamos de impactos sociais, ambientais e formativos que, muitas vezes, não cabem em números, mas se expressam em processos, relações e transformações simbólicas.

3.5.1 Objetivo da Prática

Realizar o acompanhamento de ações extensionistas de forma ética, dialógica e participativa, valorizando múltiplas formas de evidência e garantindo que a avaliação esteja alinhada aos princípios da Extensão e às realidades dos territórios.

3.5.2 Como Implementar na Prática

A avaliação é uma das dimensões mais sensíveis e, ao mesmo tempo, mais potentes da Extensão Universitária. O quadro 9 sintetiza esse passo a passo, mostrando como avaliar de maneira integral – valorizando o percurso, a colaboração e a transformação compartilhada entre universidade e sociedade.

Quadro 9 – Roteiro para Avaliação e Acompanhamento de Impacto na Extensão Universitária

ETAPA	O QUE FAZER NA IMPLEMENTAÇÃO
1. Codefinir objetivos com a comunidade	● Definir objetivos em diálogo com grupos locais. ● Alinhar expectativas, critérios e resultados esperados. ● Garantir que os parâmetros de avaliação representem tanto a universidade quanto o território.
2. Acompanhar processos, não apenas resultados	● Documentar aprendizados, desafios e decisões. ● Observar mudanças nas dinâmicas entre parceiros. ● Registrar ajustes e evoluções durante as atividades.
3. Usar múltiplas linguagens de evidência	● Coletar narrativas e histórias de mudança. ● Registrar vídeos, fotos, mapas e linhas do tempo. ● Fazer observações de campo e registros reflexivos. ● Recolher depoimentos e devolutivas de grupos locais.
4. Realizar avaliação dialógica	● Promover rodas de avaliação participativa. ● Realizar devolutivas públicas e transparentes. ● Revisar coletivamente o que funcionou e o que precisa ser aprimorado.
5. Registrar e sistematizar	● Produzir relatórios simples e acessíveis. ● Criar dossiês de experiências e casos inspiradores. ● Montar portfólios de aprendizagem para estudantes e equipes.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES.

Para orientar esse processo avaliativo em sintonia com os princípios da Extensão e evitar a metrificação excessiva dos impactos, apresentamos no quadro 10 uma matriz prática de apoio. Ela auxilia docentes, estudantes e comunidades a observar dimensões qualitativas da transformação, a valorizar múltiplas epistemologias e a registrar de forma participativa as mudanças percebidas nos territórios.

Quadro 10 - Matrix de Avaliação Dialógica

EIXO AVALIATIVO	PERGUNTAS ORIENTADORAS (QUALITATIVAS)	EVIDÊNCIAS POSSÍVEIS	QUEM AVALIA
1. Processo (como fizemos?)	- Como o projeto foi conduzido? Houve participação efetiva da comunidade? - Quais desafios surgiram e como foram tratados? - O processo respeitou tempos e saberes do território?	- Diários de bordo - Observações de campo - Mapas de processo - Fotos/vídeos do percurso - Vozes da comunidade	Estudantes, docentes, parceiros comunitários
2. Relações e Parcerias (com quem fizemos?)	- As relações foram horizontais e respeitadas? - Como a comunidade participou das decisões? - O projeto fortaleceu redes locais? - Houve corresponsabilidade?	- Depoimentos - Rodas de conversa - Registros de reuniões - Cartas/áudios da comunidade - Análise de rede (simples)	Comunidade, docentes, estudantes
3. Aprendizagens Formativas (o que aprendemos?)	- Quais conhecimentos novos foram produzidos? - Que competências foram desenvolvidas (empatia, comunicação, análise crítica, empreendedorismo social)? - O que mudamos na forma de compreender o território?	- Portfólios de aprendizagem - Relatos reflexivos - Histórias de aprendizagem - Autoavaliação e heteroavaliação	Estudantes + docentes
4. Transformações Territoriais (o que mudou?)	- Que mudanças a comunidade percebe? - Houve fortalecimento local (cooperativas, redes, lideranças)? - Alguma prática/solução permanece após o projeto? - Houve impactos socioambientais relevantes?	- Histórias de mudança - Vídeos e depoimentos comunitários - Mapas "antes/depois" - Registros participativos - Evidências simbólicas (ritos, apropriações, novos usos)	Comunidade + equipe do projeto

Como ferramenta pedagógica, a matriz pode ser usada em projetos de graduação, pós-graduação, programas institucionais e iniciativas de inovação social. Seu formato aberto permite adaptação a diferentes contextos e escalas, sempre colocando as pessoas, os territórios e as relações no centro do processo extensionista.

3.6 Ética, Responsabilidade Territorial e Não Extrativismo

A ética na Extensão Universitária vai muito além de cumprir protocolos formais: trata-se de construir relações responsáveis, horizontais e transparentes com os territórios. Isso implica reconhecer que comunidades não são “fontes de dados”, mas **parceiras produtoras de conhecimento**, com direito a autonomia, voz e protagonismo. Práticas éticas qualificam o impacto e evitam danos simbólicos, sociais e ambientais.

Como avaliar impacto sem reduzir os territórios à metrificação

- Princípios orientadores para avaliações éticas e sensíveis
- Priorize indicadores qualitativos, narrativos e processuais.
- Valorize múltiplas epistemologias (científicas, comunitárias, tradicionais).
- Avalie transformação por meio de trajetórias, vínculos e mudanças percebidas.
- Realize coavaliação com moradores, organizações e lideranças locais.
- Evite métricas rígidas, impositivas e desconectadas dos contextos.
- Prefira perguntas abertas a respostas numéricas.

3.6.1 Objetivo da Prática

Garantir que as ações extensionistas respeitem os territórios, valorizem saberes comunitários e evitem práticas de exploração – especialmente o extrativismo de dados, que ocorre quando a universidade coleta informações, elabora produtos acadêmicos e retorna pouco ou nada às comunidades.

3.6.2 Como Implementar (Passo a Passo)

O quadro 11 sintetiza orientações práticas para implementar ações extensionistas de forma ética, não extrativista e sensível às dinâmicas dos territórios, garantindo que a Extensão seja sempre um processo de troca, e nunca de apropriação.

QUADRO 11 – Roteiro para Responsabilidade Territorial e Não Extrativismo na Prática

ETAPA	COMO IMPLEMENTAR
1. Estabeleça consentimento informado real, não apenas formal	Explique objetivos, limites, riscos e benefícios. Garanta que pessoas e comunidades possam recusar, revisar ou interromper sua participação a qualquer momento.
2. Construa diagnósticos participativos, e não pesquisas extrativistas	Utilize metodologias dialógicas, como mapas comunitários, rodas de memória, caminhadas exploratórias e oficinas colaborativas. Reconheça que o território fala – e a universidade escuta.
3. Compartilhe resultados e benefícios de maneira justa	Realize devolutivas acessíveis (rodas de conversa, materiais educativos, relatórios simples, <i>podcasts</i> comunitários). A comunidade deve ser sempre a primeira – e nunca a última – a saber.
4. Reconheça saberes locais como produção legítima de conhecimento	Cite, nomeie, valorize práticas culturais, tecnologias ancestrais, arranjos produtivos e modos de vida como epistemologias válidas, e não apenas como “informações” coletadas.
5. Evite deslocamentos unilaterais do conhecimento	Garanta que a Extensão seja de mão dupla: crie espaços de coaprendizagem, coprodução e corresponsabilidade, nos quais saberes circulem em pluralidade e diálogo.

3.7 ODS Prioritários para as Boas Práticas de Extensão

A Extensão Universitária, quando guiada pelo diálogo territorial, pela ética, pela inovação e pela corresponsabilidade social, torna-se um instrumento estratégico para o avanço da Agenda 2030. As práticas apresentadas neste capítulo dialogam diretamente com diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que funcionam como referência para planejar, executar e avaliar ações extensionistas com foco em impacto socioambiental.

Nesse sentido, alguns ODS assumem papel prioritário por sua relação direta com inclusão produtiva, sustentabilidade, participação social, inovação e fortalecimento comunitário. O quadro 12 sintetiza quais ODS são mais mobilizados pela Extensão Universitária e como contribuem para qualificar as práticas extensionistas nas IES.

QUADRO 12 – ODS Mobilizados pela Extensão Universitária e Como Fortalecem as Práticas Extensionistas

ODS	COMO SE RELACIONA COM A EXTENSÃO
ODS 1 – Erradicação da Pobreza	Inclusão produtiva, fortalecimento de cooperativas, apoio a economias locais e melhoria de condições de vida.
ODS 4 – Educação de Qualidade	Aprendizagem prática, mentoria, formação integral e desenvolvimento de competências cidadãs e empreendedoras.
ODS 5 – Igualdade de Gênero	Promoção da equidade, protagonismo feminino e enfrentamento de desigualdades estruturais.
ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico	Qualificação profissional, empreendedorismo social e negócios de impacto.
ODS 10 – Redução das Desigualdades	Atuação com grupos vulnerabilizados, justiça socioambiental e fortalecimento de lideranças locais.
ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis	Ações territoriais, tecnologias sociais, economia circular e soluções urbanas e rurais sustentáveis.
ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis	Projetos de economia circular, inovação sustentável, práticas de bioeconomia e reduções de impactos ambientais.
ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes	Processos participativos, transparência, controle social e construção de institucionalidade ética.
ODS 17 – Parcerias e Meios de Implementação	Cooperação intersetorial, redes comunitárias, articulação universidade-sociedade e integração graduação-pós-graduação.

Assim, os ODS não são apenas um quadro de referência externo, mas uma lente que ajuda a alinhar a atuação das IES com um horizonte comum de transformação social, ambiental e econômica, fortalecendo o sentido público da universidade e o compromisso da Extensão com o bem comum.

Funções dos ODS na Extensão Universitária?

Por que os ODS importam para a Extensão?

Eles ajudam a orientar, qualificar e comunicar o impacto das ações extensionistas, conectando desafios locais a agendas globais de desenvolvimento sustentável.

● Como os ODS fortalecem a Extensão?

Servem como marco orientador

Guiam o desenho dos projetos, destacando prioridades e desafios centrais dos territórios.

● Garantem coerência estratégica

Alinham práticas extensionistas aos grandes desafios contemporâneos, como desigualdades, mudanças climáticas e inclusão produtiva.

● Qualificam a avaliação

Favorecem a construção de indicadores qualitativos, éticos e contextualizados, respeitando saberes e dinâmicas territoriais.

● Conectam o global ao local

Integram Agenda 2030 e realidades comunitárias, fortalecendo uma Extensão territorializada com perspectiva internacional.

● Facilitam a comunicação do impacto

Tornam mais clara e acessível a apresentação de resultados para comunidades, gestores, parceiros e sociedade.

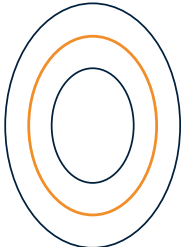
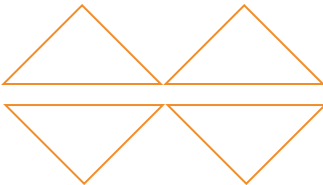
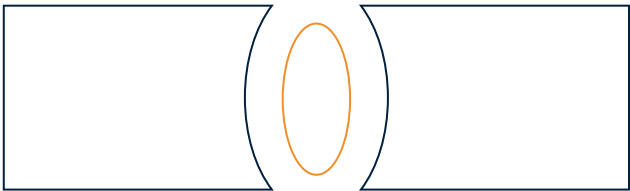
Mensagem-chave:

Os ODS não são um fim em si mesmos, mas um instrumento poderoso para fortalecer o sentido público da Extensão, orientar escolhas e ampliar o impacto social, ambiental e formativo das universidades.



CAPÍTULO 4

**Considerações Finais
Um Convite à
Transformação Coletiva**



CAPÍTULO 4

Considerações Finais - Um Convite à Transformação Coletiva

A Extensão Universitária que este guia defende não é apenas uma política educacional, nem um conjunto de metodologias. Ela é uma forma de estar no mundo, de produzir conhecimento com propósito, de construir pontes e de reconhecer que universidades e territórios se transformam mutuamente quando cultivam relações pautadas pelo respeito, pela colaboração e pela responsabilidade compartilhada.

Ao longo destas páginas, buscamos oferecer caminhos possíveis — não receitas — para fortalecer a curricularização da Extensão, qualificar práticas, inspirar novas articulações e reafirmar o papel público das Instituições de Ensino Superior na promoção do bem comum. Cada estratégia aqui apresentada só ganha vida quando encontra o chão dos territórios, a criatividade dos estudantes, o compromisso dos docentes, a sabedoria das comunidades e a abertura das universidades para aprender com a diversidade de saberes que compõem o Brasil.

A Extensão, quando vivida em sua plenitude, amplia horizontes. Forma cidadãos mais sensíveis e profissionais mais preparados. Impulsiona a inovação social, gera oportunidades, fortalece redes, mobiliza atores e conecta problemas complexos a soluções construídas de forma coletiva e comprometida. É, ao mesmo tempo, memória e futuro: resgata práticas ancestrais, projeta novas possibilidades e anima o surgimento de ideias que podem ressignificar trajetórias individuais e transformar realidades.

Mais do que uma política, a Extensão é um **movimento contínuo** — dinâmico, situado, vivo — que exige abertura ao diálogo, disposição para rever práticas e coragem para experimentar. Ela desafia as IES a superar fragmentações históricas, a romper silos institucionais e a assumir, de forma plena, a potência transformadora de sua missão pública.

Que este guia inspire professores, estudantes, gestores, técnicos e parceiros comunitários a construir projetos que façam sentido para quem deles participa. Que fortaleça a convicção de que a universidade tem, sim, um papel estratégico no enfrentamento dos grandes desafios globais, e que esse papel se realiza de modo mais potente quando caminhamos com as pessoas, organizações e territórios que dão sentido a nossa atuação.

A Extensão Universitária é, acima de tudo, um convite.

Um convite a ouvir.

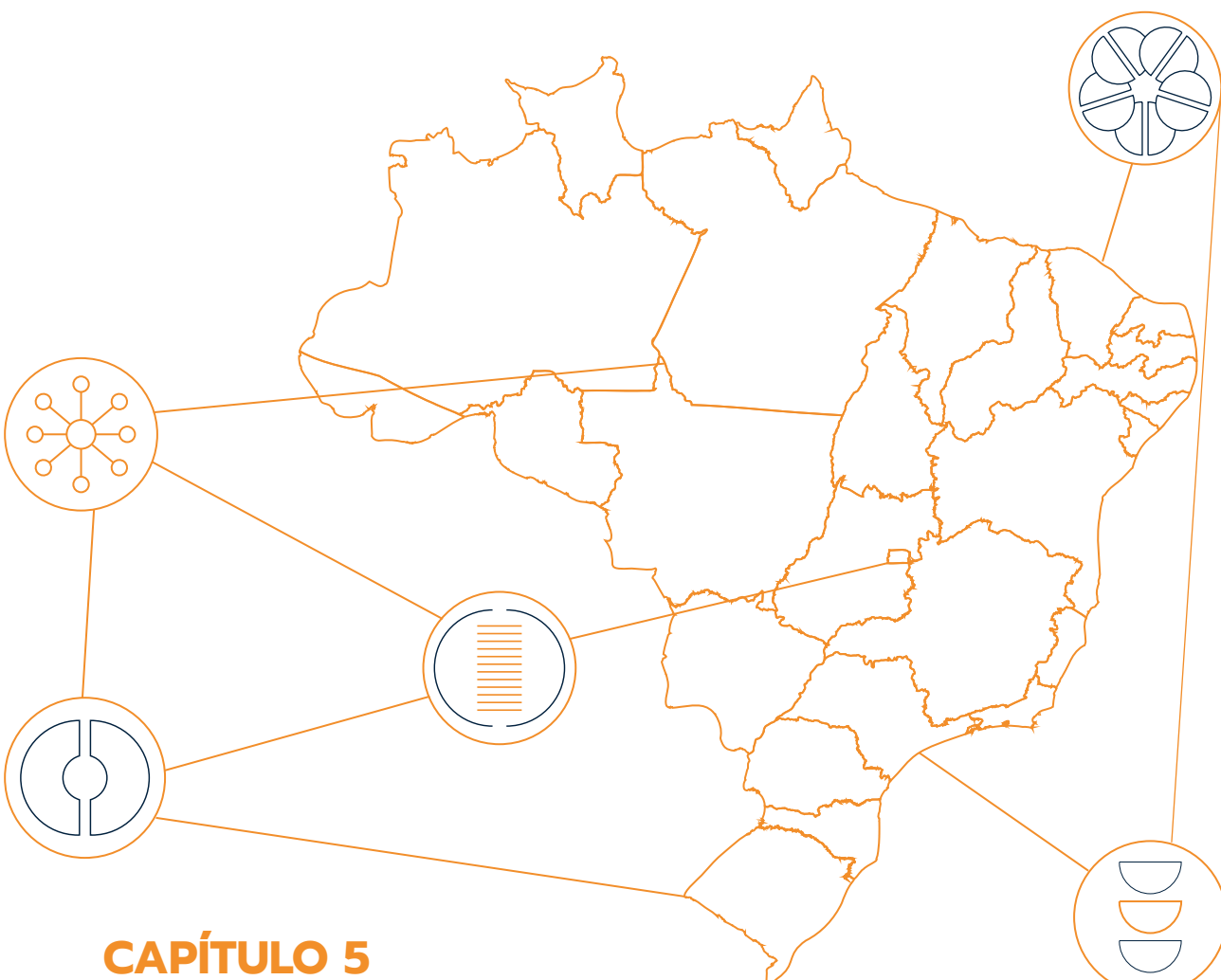
A dialogar.

A transformar.

A aprender.

E a reimaginar o futuro que queremos construir coletivamente. Que cada Instituição de Ensino Superior encontre, a partir destes caminhos, seu próprio modo de tecer redes, cultivar parcerias, ampliar impactos e promover uma educação comprometida com a justiça social, a sustentabilidade e a dignidade humana.

Que este guia seja um ponto de partida — nunca um ponto de chegada. O movimento continua nos territórios, nas salas de aula, nos laboratórios, nas comunidades e nos sonhos que compartilhamos sobre um Brasil mais justo, solidário e sustentável.



CAPÍTULO 5

Exemplos Regionais de Sucesso

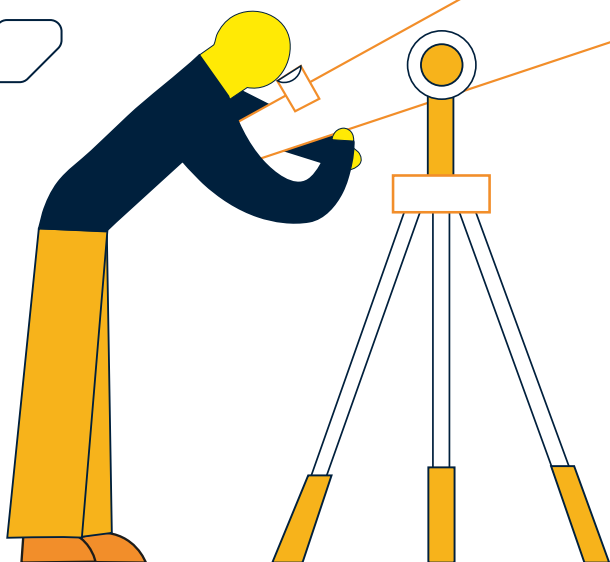
Região Centro-Oeste

Região Norte

Região Nordeste

Região Sudeste

Região Sul



CAPÍTULO 5

Exemplos Regionais de Sucesso

Para tornar a consulta ao conteúdo mais simples e intuitiva, foi criada uma tabela-síntese com uma visão geral de todos os casos de extensão apresentados no guia. A ideia é que esse material funcione como um índice clusterizado, facilitando a orientação e a localização dos casos a partir de agrupamentos temáticos. Além disso, também foi incluída a categoria 'Por que conhecer', que destaca algumas lentes prioritárias de leitura e ajuda a evidenciar os aspectos mais relevantes e inspiradores de cada caso.

Região Norte

Região: Norte

Universidade: Cesupa

Nome do caso: Amazon Hacking

Síntese: A Amazônia reúne enorme riqueza socioambiental, mas convive com graves desafios de infraestrutura, exclusão digital e baixa valorização de sua bioeconomia, especialmente em comunidades ribeirinhas e periféricas de Belém. Nesse contexto, o Amazon Hacking surge para enfrentar a desconexão entre inovação tecnológica e realidade local, promovendo soluções construídas a partir da integração entre conhecimento científico, tecnológico e saberes tradicionais.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia de Produção e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda

ODSs atendidas: 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 17

Por que conhecer: Transversalidade de áreas do conhecimento, Articulação com Setor Privado, Estudantes em imersão na comunidade

Região: Norte

Universidade: Cesupa

Nome do caso: Arquitetura, Saúde e Moradia

Síntese: O projeto parte do reconhecimento de que, em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, a qualidade das moradias influencia diretamente a saúde e o bem-estar dos moradores. Voltado a famílias em autoconstrução ou reforma no bairro Curió Utinga, em Belém, busca aplicar parâmetros normativos e princípios de arquitetura bioclimática para orientar soluções arquitetônicas que promovam conforto, salubridade e melhor qualidade de vida.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: Arquitetura e Urbanismo

ODSs atendidas: 3, 4, 10, 11, 17

Por que conhecer: Articulação com Setor Público, Diagnóstico participativo, Solução na área da saúde

Região: Norte

Universidade: UFPA

Nome do caso: Biolume – Energia Limpa, Inovação Tecnológica e Protagonismo Comunitário na Amazônia

Síntese: A Amazônia possui grande potencial energético, mas muitas comunidades ainda vivem sem acesso regular à eletricidade e sofrem com impactos ambientais do descarte inadequado de óleo de cozinha. O projeto Biolume surge para enfrentar esses desafios de forma integrada, transformando óleo usado em biodiesel e evoluindo para soluções de energia solar de baixo custo, promovendo inovação tecnológica acessível com impacto socioambiental e participação das comunidades locais.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: Engenharias, Administração, Ciências Sociais, Design

ODS atendidas: 1, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 17

Por que conhecer: Estudantes em imersão na comunidade, Transferência de Tecnologia, Fomento a modelo de negócio local

Região: Norte

Universidade: UFPA

Nome do caso: Manas Digitais – Inclusão Digital e Equidade de Gênero na Amazônia

Síntese: O projeto Manas Digitais nasceu para unir mulheres amazônidas às forças transformadoras da tecnologia. A pergunta que moveu a iniciativa foi: como formar e empoderar mulheres da Amazônia para que ocupem, com protagonismo, os espaços de inovação e tecnologia? A resposta veio na forma de um coletivo

que articula extensão universitária, educação básica, formação profissional e ativismo digital, atuando em múltiplas frentes para garantir que a revolução tecnológica chegue a todos e, principalmente, a quem historicamente foi deixado de fora dela.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento:

ODS atendidas: 4, 5, 8, 9, 10, 16 e 17

Por que conhecer: Articulação com Setor Privado, Transferência de Tecnologia, Articulação com Setor Público

Região Nordeste

Região: Nordeste

Universidade: UFC

Nome do caso: Ações Curriculares em Comunidades de Saberes

Síntese: A Ação Curricular em Comunidades de Saberes (ACCS) é uma experiência de extensão curricular desenvolvida pela Universidade Federal do Ceará que integra formação acadêmica, inclusão produtiva e justiça socioambiental a partir do diálogo com comunidades de catadores e catadoras de materiais recicláveis. Ao atuar “do outro lado da rua”, o projeto afirma que a universidade se amplia quando reconhece os territórios populares como espaços legítimos de produção de conhecimento, articulando ensino, pesquisa e extensão em uma práxis transformadora orientada à economia circular, à valorização do trabalho dos catadores e ao fortalecimento de políticas públicas de resíduos sólidos.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: graduação e pós-graduação

ODSs atendidas: 4,8,11,12

Por que conhecer: Articulação com setor público, diagnóstico participativo, economia circular

Região: Nordeste

Universidade: UFC

Nome do caso: Programa Gastronomia Social

Síntese: O Programa Gastronomia Social no Jardim da Gente é uma experiência de extensão universitária desenvolvida no território do Grande Bom Jardim, em Fortaleza, que articula gastronomia, cultura alimentar, economia solidária e sustentabilidade como estratégias de enfrentamento das desigualdades sociais. Ao compreender o alimento como ferramenta de cidadania, identidade cultural e geração de renda, a iniciativa consolida-se como referência nacional em inovação social e desenvolvimento territorial a partir da extensão universitária

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: Gastronomia, Psicologia, Serviço social, Agronomia, Nutrição

ODSs atendidas: 2,4,8,10,12

Por que conhecer: Articulação com setor público, fomento a modelo de negócio local

Região Centro-Oeste

Região: Centro-Oeste

Universidade: CEUB

Nome do caso: Balcão do Refugiado

Síntese: O Balcão do Refugiado, projeto de extensão do CEUB ativo desde 2021, oferece orientação jurídica e apoio à integração de migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados vulneráveis no Distrito Federal, atuando em regularização migratória, integração comunitária e produção de estudos para processos de refúgio.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: Direito e Relações Internacionais

ODSs atendidas: 8,10,16

Por que conhecer: Articulação com setor público, articulação com OSCs, diagnóstico participativo

Região: Centro-Oeste

Universidade: CEUB

Nome do caso: Parcerias em Rede: Capacitação de OSCs para Captação de Recursos e Fortalecimento da Sociedade Civil

Síntese: O Parcerias em Rede é um projeto de extensão do CEUB, em execução desde 2025, que capacita Organizações da Sociedade Civil para captação de recursos públicos e fortalecimento institucional, por meio da formação de estudantes, produção de material técnico e oferta de cursos. A iniciativa contribui para o

fortalecimento do Terceiro Setor e do ecossistema de empreendedorismo de impacto, apoiando organizações que atuam em áreas como a economia criativa no Distrito Federal.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: Direito

ODSs atendidas:

Por que conhecer: Articulação com OSCs, fomento a modelo de negócio local

Região Sudeste

Região: Sudeste

Universidade: PUC Campinas

Nome do caso: Práticas Organizacionais Inovadoras

Síntese: Esse componente curricular está atrelado a curricularização da Extensão que acontece desde 2022 nos cursos de Administração e suas Linhas de Formação da PUC-Campinas. Nele é realizado atividades de mentoria em gestão de Negócios para MEI do Projeto Empreende Campinas em conjunto com o CRCA - Centro de Referência em Cooperativismo e Associativismo e FEAC – Fundação das Entidades Assistenciais de Campinas na perspectiva da inclusão produtiva e geração de renda nas periferias de Campinas

Tipo de extensão: Comunitária de impacto

Área de conhecimento: Administração e Marketing

ODSs atendidas: 8, 10, 12

Por que conhecer: Fomento a modelo de negócio local, mensuração de impacto

Região: Sudeste

Universidade: PUC Campinas

Nome do caso: Extensão na Graduação em Administração com os componentes Prática Profissional Supervisionada e Prática Inovadora

Síntese: A PUC-Campinas por meio da Escola de Economia e Negócios, do Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade e do Mescla tem realizado ações visando apoiar os negócios de impacto no âmbito da graduação, extensão e pesquisa. As atividades de extensão, na graduação em Administração estão organizadas nas disciplinas de Prática Profissional Supervisionada e Prática Inovadora.

Tipo de extensão: Comunitária de impacto

Área de conhecimento: Administração

ODSs atendidas: 4.10, 12

Por que conhecer: Fomento a modelo de negócio local, mensuração de impacto e articulação com OSCs

Região: Sudeste

Universidade: UNICAMP

Nome do caso: Programa Terra: produção agroecológica em agricultura familiar

Síntese: O Programa Terra busca fortalecer iniciativas coletivas de transição agroecológica na agricultura familiar, atuando nos territórios de Limeira e Americana. Em Americana, no Assentamento Milton Santos, promove práticas agroecológicas como sistemas agroflorestais e manejo de horta comunitária, com protagonismo de mulheres agricultoras.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: interdisciplinar

ODSs atendidas: 1, 8,11,12,15

Por que conhecer: Fomento a modelo de negócio local, transversalidade de áreas do conhecimento, articulação com OSCs

Região Sul

Região: Sul

Universidade: IFPR

Nome do caso: InovaMar: Escritório de Projetos para Inovação e Sustentabilidade no Litoral do Paraná

Síntese: O InovaMar aproxima a universidade das demandas reais do território, contribuindo para ampliar capacidades locais, fortalecer redes colaborativas e estimular uma cultura de planejamento e sustentabilidade orientada ao impacto.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: Administração e Ciências Contábeis, Tecnologia e Sociedade, Biologia, Engenharia Eletrônica, Tecnologia e Análises em Desenvolvimento de Sistemas

ODSs atendidas: 8,9,11

Por que conhecer: Articulação com setor público, transferência de tecnologia e fomento a modelo de negócio local

Região: Sul

Universidade: IFPR

Nome do caso: Smart Harpia: Tecnologia, Educação e Clima como Extensão Transformadora

Síntese: O Smart Harpia é uma experiência de extensão universitária desenvolvida no litoral do Paraná que articula tecnologia, educação climática e atuação territorial. O caso ilustra como a extensão pode integrar ciência, território e justiça climática em processos formativos orientados ao impacto socioambiental.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: Biologia e Gestão Ambiental, Matemática, Tecnologia da Informação, Tecnologia em Gestão Ambiental e Tecnologia em Análise e desenvolvimento de sistemas

ODSs atendidas: 4,9,11,13

Por que conhecer: Mobilização em escala, mensuração de impacto e transferência de tecnologia

Região: Sul

Universidade: PUCRS

Nome do caso: Programa MEI RS Calamidades: Resiliência Econômica Pós-Enchentes de 2024

Síntese: O Programa MEI RS Calamidades é uma iniciativa da PUCRS em parceria com o Governo do Rio Grande do Sul para apoiar microempreendedores individuais afetados pelas enchentes de 2024, combinando auxílio financeiro emergencial e consultorias para reconstrução econômica e fortalecimento dos negócios.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: Administração, Economia e Ciências Contábeis

ODSs atendidas: 8,9,11,17

Por que conhecer: Articulação com setor privado, mobilização em escala, estudantes em imersão na comunidade.

Região: Sul

Universidade: PUCRS

Nome do caso: Service Learning PUCRS: Rede Colaborativa de Aprendizagem e Impacto Social

Síntese: O Service Learning da PUCRS é uma metodologia de aprendizagem que conecta disciplinas da graduação a desafios reais de organizações sociais, setor público e startups, integrando estudantes, docentes e parceiros em projetos de impacto social e inovação.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: Educação física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Design, Jornalismo, Geografia, História, Letras, Administração, Engenharia

ODSs atendidas: 8,9,17

Por que conhecer: Mensuração de impacto, transversalidade de áreas do conhecimento, transferência de tecnologia

Região: Sul

Universidade: UNISINOS

Nome do caso: A Cidade (In)Visível – Cartografia Social, Direito à Moradia e Intervenção Territorial nas Ocupações Urbanas de São Leopoldo

Síntese: O projeto A Cidade (In)Visível busca contribuir para a regularização fundiária, qualificação urbana e fortalecimento comunitário em ocupações irregulares de São Leopoldo – como Renascer, Mauá, Steigleder e Justo – agravadas pelas enchentes de 2024. A iniciativa utiliza cartografia social para mapear vulnerabilidades e potencialidades dos territórios, articulando conhecimento universitário, participação comunitária e incidência em políticas públicas.

Tipo de extensão: Integrada (comunitária + tecnológica)

Área de conhecimento: Arquitetura e Urbanismo, Serviço Social, Topografia, Medicina, Engenharias; Programa de Pós-Graduação; ITT Performance

ODS atendidas: 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11 e 17

Por que conhecer: Transversalidade de áreas do conhecimento, economia circular, fomento a modelo de negócio local

Região: Sul

Universidade: UNISINOS

Nome do caso: TARIN – Educação e Atenção Humanitária a Migrantes e Refugiados

Síntese: O Programa TARIN busca promover a inclusão de migrantes e refugiados no Vale do Rio dos Sinos, enfrentando barreiras como idioma, acesso a direitos e integração social.

A iniciativa articula ensino, pesquisa e extensão por meio de projetos de ensino de português, formação de professores e ações de sensibilização, contribuindo para uma sociedade mais acolhedora, intercultural e inclusiva.

Tipo de extensão: Comunitária de Impacto

Área de conhecimento: Letras, Pedagogia, Ciências Sociais, Direito, Psicologia

ODSs atendidas: 4, 5, 8, 10, 16 e 17

Por que conhecer: Mobilização em escala, articulação com setor público.

Glossário da Extensão Universitária para o Impacto

Este glossário reúne conceitos fundamentais que aparecem ao longo do guia e que ajudam a alinhar a compreensão sobre práticas extensionistas voltadas ao impacto socioambiental, à inovação e à transformação territorial.

Articulação Territorial

Processo de aproximação, diálogo e cooperação entre universidade, comunidades e organizações locais. Envolve mapear atores, compreender contextos e construir relações horizontais e contínuas com os territórios.

Avaliação Dialógica

Forma de avaliar projetos extensionistas baseada em conversas, trocas, narrativas e múltiplas evidências qualitativas. Prioriza a participação da comunidade e evita a metrificação excessiva da vida e das relações.

Cocriação

Processo no qual universidade e comunidade constroem juntas diagnósticos, soluções, protótipos e estratégias. Afirma que conhecimento é produzido coletivamente, não apenas transferido da IES para o território.

Consentimento Informado Real

Acordo claro e compreensível que assegura que participantes entendam objetivos, riscos, limites e benefícios de uma ação extensionista. Vai além da assinatura de um termo: implica diálogo, transparência e possibilidade de recusa.

Corresponsabilidade

Princípio segundo o qual docentes, estudantes, técnicos e comunidades compartilham decisões, responsabilidades e resultados nas ações extensionistas. Ninguém atua sozinho: todos são parte do processo.

Diagnóstico Participativo

Método de investigação territorial baseado em escuta ativa, rodas de conversa, mapas, caminhadas exploratórias e relatos comunitários. Busca compreender realidades por meio dos próprios atores locais.

Economia Circular

Modelo de desenvolvimento que reduz desperdícios, prolonga ciclos de vida e transforma resíduos em recursos, integrando inovação tecnológica, responsabilidade ambiental e inclusão produtiva.

Economia Social e Solidária

Conjunto de práticas econômicas baseadas em cooperação, autogestão, reciprocidade e pertencimento comunitário, envolvendo cooperativas, associações, grupos produtivos e iniciativas coletivas.

Empreendedorismo de Impacto

Abordagem empreendedora orientada para gerar soluções inovadoras para desafios sociais e ambientais. Conjuga propósito, sustentabilidade, inovação e viabilidade econômica.

Epistemologias Comunitárias

Saberes produzidos por povos tradicionais, grupos locais, comunidades urbanas e rurais. São modos legítimos de conhecer, interpretar e transformar o território.

Extensão Comunitária de Impacto

Modalidade que parte das demandas e saberes dos territórios, fortalecendo organizações sociais, cooperativas, redes solidárias, inclusão produtiva e justiça socioambiental.

Extensão Tecnológica e Empreendedora de Impacto

Modalidade baseada na inovação, na pesquisa aplicada e no desenvolvimento de protótipos, tecnologias sociais, modelos de negócio e soluções escaláveis.

Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão

Princípio constitucional segundo o qual as três funções universitárias são complementares e se fortalecem mutuamente. A Extensão conecta teoria, investigação e prática social.

Inovação Social

Processo de criação de soluções novas que respondem a problemas sociais de maneira colaborativa, participativa e transformadora. Pode envolver tecnologias, novos arranjos institucionais, práticas culturais ou soluções comunitárias.

Mentoria Extensionista

Processo de acompanhamento contínuo de estudantes, realizado por docentes, técnicos, parceiros externos e lideranças comunitárias. Estimula autonomia, reflexão crítica e aprendizagem prática.

Não extrativismo

Postura ética que rejeita a coleta de dados, relatos e saberes da comunidade sem retorno, sem diálogo e sem benefícios mútuos. Prioriza reciprocidade, devolutivas e coautoria.

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Agenda global composta por 17 objetivos que orientam ações de sustentabilidade, equidade e desenvolvimento humano. A Extensão contribui diretamente para diversos ODS, especialmente 1, 4, 5, 8, 10, 11, 12, 16 e 17.

Protagonismo Comunitário

Reconhecimento de que comunidades são sujeitos ativos, capazes de decidir, propor e conduzir soluções, e não apenas “beneficiárias” das ações da universidade.

Saberes Tradicionais

Conhecimentos transmitidos por gerações em povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, sertanejos, pescadores, agricultores familiares e outros grupos, baseados na experiência e na relação com o território.

Tecnologias Sociais

Soluções desenvolvidas coletivamente e adaptadas ao contexto local, de baixo custo, replicáveis e orientadas ao bem comum (ex.: cisternas, hortas comunitárias, sistemas de captação de água, plataformas colaborativas).

Território

Espaço vivo composto por relações sociais, econômicas, culturais e ambientais, e não apenas um espaço geográfico. Cada território tem histórias, desafios e potencialidades próprias.

ANEXO PRÁTICO – MODELOS E FERRAMENTAS PARA IMPLEMENTAÇÃO DA EXTENSÃO CURRICULARIZADA

Este anexo reúne modelos editáveis e ferramentas práticas para apoiar coordenadores, docentes e gestores na implementação de atividades extensionistas integradas ao currículo, com foco no impacto socioambiental.

MODELO 1: PLANILHA DE PLANEJAMENTO DE PROJETO EXTENSIONISTA

ITEM	DESCRIÇÃO	PREENCHIMENTO
Título do Projeto	Nome claro e objetivo	Ex.: "Oficinas de Gestão Financeira para Cooperativas de Catadores"
Curso(s) envolvido(s)		Administração, Ciências Contábeis
Disciplina(s) vinculada(s)		Gestão Financeira, Empreendedorismo Social
Professor(es) responsável(is)		
Parceiro(s) externo(s)	Comunidade, organização, empresa social	Cooperativa de Catadores Recicla+
Objetivo do projeto	O que se pretende alcançar	Capacitar 20 catadores em gestão financeira básica até dez./2025
Carga horária extensionista	Em horas, dentro dos 10%	30h (20h práticas + 10h de planejamento e avaliação)
Atividades previstas	Lista de ações concretas	1. Diagnóstico participativo; 2. Quatro oficinas presenciais; 3. Desenvolvimento de planilha simplificada
Recursos necessários	Materiais, transporte, equipamentos	Data show, apostilas, lanche, transporte para visitas
Cronograma	Datas ou períodos	Set.-nov/2025
Indicadores de impacto	Como será medido o resultado	• 80% dos participantes relatam melhora na organização financeira. • Criação de um fluxo de caixa mensal na cooperativa
Forma de avaliação discente	Como os estudantes serão avaliados	Relatório reflexivo + apresentação para a comunidade
Divulgação dos resultados	Onde e como os resultados serão compartilhados	Feira de Extensão da IES, postagens nas redes sociais da cooperativa

MODELO 2: FORMULÁRIO DE ACORDO DE PARCERIA COM A COMUNIDADE

ACORDO DE COLABORAÇÃO PARA ATIVIDADE EXTENSIONISTA

Entre: **INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR (IES)** [Nome da IES],
através do curso de [Nome do Curso]

e

PARCEIRO COMUNITÁRIO

[Nome da organização/comunidade], representado por [Nome do representante]

1. OBJETIVO DA PARCERIA

Descrever brevemente o projeto e o propósito comum.

2. RESPONSABILIDADES DA IES

- Oferecer suporte técnico e acadêmico;
- Garantir a participação de estudantes e professores;
- Zelar pelo cumprimento do cronograma;
- Assegurar ética e respeito no trato com a comunidade.

3. RESPONSABILIDADES DO PARCEIRO COMUNITÁRIO

- Indicar representante para diálogo contínuo;
- Disponibilizar espaço/local quando necessário;
- Participar ativamente das atividades planejadas;
- Fornecer feedback ao longo do processo.

4. CONFIDENCIALIDADE E USO DE IMAGEM

Ambas as partes concordam em tratar as informações sensíveis com respeito;

O uso de imagens e depoimentos será autorizado previamente por meio de Termo de Consentimento.

5. DURAÇÃO

Este acordo vigorará de [data] a [data], podendo ser renovado mediante acordo mútuo.

ASSINATURAS

[Nome e cargo do representante da IES]

Data: //_____

[Nome do representante da comunidade/organização]

Data: //_____

MODELO 3: ROTEIRO PARA A PRIMEIRA REUNIÃO COM ATORES TERRITORIAIS

Objetivo da reunião:

Estabelecer diálogo inicial, conhecer demandas reais e construir confiança.

Duração sugerida:

1h30 a 2h

Participantes:

- 1–2 professores responsáveis;
- 2–3 estudantes (voluntários ou bolsistas);
- Representantes da comunidade/organização (líderes, moradores, técnicos).

Roteiro:

1. Acolhimento e apresentação pessoal (15 min)
 - Cada participante diz nome e seu vínculo com o território/projeto.
2. Contextualização da Extensão Universitária (10 min)
 - Explicar o que é Extensão, o princípio da mão dupla e o interesse da IES em aprender e contribuir.
3. Escuta ativa: conhecer o território (30 min)
 - Perguntas-guia:
 - Quais são os maiores desafios que vocês enfrentam hoje?
 - Quais são as maiores potências/fortalezas da comunidade?
 - Já houve parceria com universidade antes? Como foi?
 - O que esperam de uma colaboração com a IES?

4. Apresentação da ideia inicial do projeto (15 min)

- Expor de forma aberta e flexível a proposta, destacando que ela pode ser ajustada.

5. Diálogo sobre possibilidades e ajustes (20 min)

- O que faz sentido para a comunidade?
- O que poderia ser incluído ou alterado?
- Como garantir que o projeto seja útil e respeitoso?

6. Definição de próximos passos (10 min)

- Combinar próxima reunião;
- Definir uma pessoa de contato de cada lado;
- Registrar combinados em ata simples.

7. Agradecimento e encerramento

- Reforçar o compromisso com o diálogo contínuo.

MODELO 4: LINKS E PLATAFORMAS DE FOMENTO E REFERÊNCIA

RECURSO	DESCRIÇÃO	LINK
Rede Academia ICE	Rede de instituições de ensino para fomento ao empreendedorismo de impacto	academiaice.org.br
Portal do ForExt	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas	forext.mec.gov.br
CNPq – Editais Universais	Inclui apoio a projetos de Extensão	cnpq.br
CAPES – Programa de Extensão Universitária	Fomento a projetos integrados	capes.gov.br
ODS – ONU Brasil	Referência para alinhamento de projetos aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	odsbrasil.gov.br
Mapeamento de Editais de Impacto	Plataforma que reúne editais para negócios sociais e ambientais	editaisdeimpacto.com.br
Biblioteca Digital de Extensão	Acervo de projetos, relatórios e metodologias	biblioteca.uepg.br/extensao
WyLinka	Organização sem fins lucrativos que transforma o conhecimento científico em inovações que melhorem o dia a dia das pessoas e promovam o desenvolvimento econômico, social e sustentável do Brasil	wylinka.org.br
Jornada Amazônia	Programa para ativar a capacidade amazônica dos negócios, conectando inovação, mercado e impacto real, capacitando talentos, fortalecendo negócios e impulsionando soluções que tornem a bioeconomia amazônica protagonista	jornadaamazonia.org.br
Pipe Social	Maior base de negócios de impacto do País. Gera visibilidade para projetos e possibilidade de conexão com potenciais clientes, investidores, aceleradoras e muito mais	pipe.social
ODSs		https://brasil.un.org/pt-br/sdgs